

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Este exemplar corresponde à redação final da
tese defendida por Yara Haas e aprovada pela Comissão
Julgadora em 26/2/85.

Campinas, 26/2/85

Hueshli

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PSICOLOGIA
EM QUESTÃO

YARA HAAS

CAMPINAS

1985

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

YARA HAAS

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PSICOLOGIA
EM QUESTÃO

Dissertação apresentada como exigência
parcial para a obtenção do Grau
de MESTRE EM EDUCAÇÃO, área de Con-
centração em Psicologia Educacional,
sob a orientação da Professora Doutera
MARIA INÊS FINI

CAMPINAS

1985

COMISSÃO JULGADORA

4^o Lou
Dr. M. A. Pires
Quêbrado

Ao Linneu e a Carlota
pelo muito que me en
sinaram e *educaram*.

DEDICATÓRIA

Esse trabalho é dedicado, com carinho especial, aos meus alunos do Curso de Psicologia, do Centro Universitário de Corumbá, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que tornaram vivas as palavras de Guimarães Rosa "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende". Foi pensado a partir de questões veiculadas em sala de aula, e se desenvolveu através da reflexão do papel docente, nas discussões com colegas-professores comprometidos na formação de reursos humanos, com a Educação e a Sociedade, dispostos a repensar o exercício profissional com mente aberta.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os que me auxiliaram no percorrer es se caminho moroso, difícil e desafiador. A todos, inclusive os que ignoram sua participação, registro aqui o meu agradecimento.

Agradeço o papel que exerceram nesta trajetória os colegas-professores do Centro Universitário de Corumbá, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, cada um a seu modo e sempre presentes.

Devo destacar, na figura dos professores Dr. Sérgio Goldenberg, Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis, Dra. Maria Meliane Furtado Montezuma, Dr. Marconi Freire Montezuma e Dr. Roberto Cesar Covian, a influência decisiva que exerceram em minha formação, todos os professores do Programa de Mestrado da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas.

Aos professores Pêricles Luiz Sales de Souza, Ângela Maria Barbosa Neves, Rita Basso e Maria Alves de Toledo Bruns, o meu agradecimento pelo apoio recebido, de todos os colegas de Mestrado na Universidade Estadual de Campinas.

A Professora Dra. MARIA INÊS FINI minha orientadora e amiga, que sempre tem muito a ensinar, pois coloca-se entre as mulheres que sabem integrar, em qualquer situação, os papéis femininos tradicionais e atuais, e o papel profis-

sional. Contribuiu decisivamente com sua compreensão, crítica e incentivo, para o projeto inicial e a elaboração final que aqui se apresenta. A ela, o meu especial agradecimento. O convívio com sua família e em especial os laços criados com suas filhas Luciana, e depois Roberta se constituíram em suportes emocionais significativos na manutenção desse trabalho, desenvolvido tão longe de minha família.

Finalmente, agradeço a professora Olga Mathion responsável pela revisão do português, dos originais, e à Srta. Vera Lucia Gonçalves que se encarregou da elaboração datilográfica deste trabalho.

RESUMO

Uma profissão se define melhor, através da atuação dos profissionais ao nível do social, pois a prática determina a sua função.

Os cursos de Psicologia no Brasil são recentes, bem como o exercício profissional, o que ocorre há cerca de 22 anos. Os direitos conferidos aos licenciados em Psicologia e aos psicólogos, determinam ações distintas, mas que se confundem na prática profissional, quer pelas expectativas sociais da população a quem presta serviços, e quer pela ação profissional tendenciosa para a prática clínica, assim também como pela formação recebida na Universidade que denota que o perfil historicamente adotado, não vem atendendo às reais necessidades da população, pois o coloca entre as práticas "de luxo" e/ou desnecessárias, por distanciar-se cada vez mais da compreensão do ser humano.

Com o objetivo de fornecer subsídios para reestruturação da disciplina Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade, realizou-se a pesquisa e esse estudo, junto a todos os alunos do último ano do curso de Psicologia do Centro Universitário de Corumbá, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que em 1982 e 1983 cursaram a referida disciplina. Procurou-se detectar quais as percepções dos sujeitos quanto ao papel de Professor de Psicologia e quanto ao papel de Psicólogo. Sabemos

que a população é restrita, pois o número de alunos é peque
no, mas trabalhamos com todos os que estavam matriculados na
referida disciplina. Por esse dado, consideramos que os re
sultados podem abranger uma gama maior de opiniões, mas os
vários estudos brasileiros, já realizados, denotam a mesma
situação panorâmica, isto é, a super valorização da função
de Psicólogo, e a ausência de conhecimento e até falta de ex
pressividade quanto ao papel de Professor de Psicologia. Con
vém notar até, que a super valorização da função de Psicólo
go, se restringe à área de clínica, expressando um profissioo
nal elitizado, individual e não engajado na realidade so-
cial.

SUMMARY

A profession is best defined by means of its social performance because its' function is determined in practice.

In Brazil psychology courses are new. Professional endeavours in this field have existed for only the last 22 years or so. The sights conferred to a graduate licensed in psychology and to the psychologist determine well-defined actions which can be confused in professional practice, either by the social expectations of the community to whom services are rendered or by biased clinical exercises in professional performance. Besides these, the university formation received can be prejudicial in so far as the model historically adopted does not satisfy the real necessities of the population. This formation emphasizes luxury and perhaps unnecessary exercises, separating itself more and more from the understanding of the human being.

With the objective of obtaining subsidies for the re-structuration of the Practice of Psychology Teaching discipline a study was undertaken involving all senior year psychology students of the Universidade Federal de Mato Grosso do Sul of the Centro Universitário de Corumbá who frequented the above course in 1982 and 1983. Attempts were made to determine these student's perceptions of the roles of the psychology professor and the psychologist. It is

admitted that this sampling is small; however all the students that were registered in the above discipline participated in the study. For this reason, the results may not span the complete range of existing opinions, but the various Brazilian studies already made, point to the same panoramic situation; a supervalorization of the function of psychologist and a lack of recognition and even absence of opinion as to the role of the psychology professor. It is noteworthy that the supervalorization of the psychologist function is restricted to the clinical area focussing on a professional elite treating clients that are not representative of the social reality.

ÍNDICE

	Página
Dedicatória	iv
Agradecimentos	v
Resumo	vii
Summary	ix
Lista de Apêndices	xiii
Lista de Tabelas	xiv
Lista de Quadros	xv
 I INTRODUÇÃO	 1
1.1 Apresentação	1
1.2 Considerações acerca do problema em estudo	15
1.3 Delimitação do problema	22
 II REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	 24
 III A PSICOLOGIA NO BRASIL	 32
3.1 Preliminares sobre a implantação da Psicologia no Brasil	32
3.2 Funções sociais da Psicologia	34
3.3 Fatos históricos relevantes da Psi- cologia no Brasil	39
3.4 O psicólogo	57
3.5 O professor de Psicologia	65
 IV PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	 71

	Página
4.1 População em estudo	71
4.2 Descrição do instrumento para coleta de dados	71
4.3 Aplicação do instrumento	72
4.4 Análise dos dados	72
V APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS	75
5.1 Caracterização dos sujeitos	75
5.2 Categorias representativas da percepção dos sujeitos	79
5.3 Discussão	84
VI CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
6.1 Conclusões	88
6.2 Considerações finais	98
BIBLIOGRAFIA	109
Apêndice A	115
Apêndice B	118
Apêndice C	122
Apêndice D	125
Apêndice E	129
Apêndice F	133
Apêndice G	136
Apêndice H	139
Apêndice I	142

LISTA DE APÊNDICES

Apêndices	Página
A Questionário	115
B Respostas textuais dos sujeitos à <u>ques</u> tão: "Na sua opinião, o que é ser psi- cólogo"?	118
C Respostas textuais dos sujeitos à <u>ques</u> tão: "De acordo com sua maneira de ver, quem é o professor"?	122
D Fatores que determinam a percepção de "ser psicólogo"	125
E Fatores que determinam a percepção de "ser professor"	129
F Respostas textuais dos sujeitos à <u>ques</u> tão: "Segundo sua maneira de ver, qual é o papel da Psicologia na formação do professor"?	133
G Respostas textuais dos sujeitos à <u>ques</u> tão: "Na sua opinião, o que é educar? e ensinar"?	136
H Fatores que determinam a percepção de "qual o papel da Psicologia na formação do professor"	139
I Fatores que determinam a percepção de "o que é educar e o que é ensinar"	142

LISTA DE TABELAS

Tabelas	Página
1.1 Dados Pessoas de Identificação	76
1.2 Procedência dos Estudos de 2º Grau	76
1.3 Cursos Realizados no 2º Grau	76
1.4 Situação de Trabalho	77
1.5 Atividades Desempenhadas	77

LISTA DE QUADROS

Quadros	Página
I Categorias relativas à percepção do <u>pa</u> pel de psicólogo e de professor	81
II Categorias relativas à percepção do <u>pa</u> pel da psicologia na formação do profes <u>sor</u> e, educar e ensinar	82

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Esse trabalho estuda uma das partes do conhecimento humano, sob o ponto de vista da praxeologia. A ciência em questão é a Psicologia. Enquanto ciência operatória, as indagações a respeito do retorno social nos domínios do ser humano, na sua totalidade, bem como nos domínios da formação de recursos humanos em Psicologia permite, entre outras, a formulação das perguntas : O que é Psicologia ? A serviço de quem se propõe trabalhar ? O que fazem os psicólogos ? e principalmente, O que fazem os professores de Psicologia ? Essa última questão tem a preocupação central desse trabalho pois é no momento de formação de novos profissionais, que se verifica a política subjacente à prática profissional, permitindo a distinção entre duas alternativas : a primeira conservadora, que permeia a formação e manutenção do " status quo " do profissional, que o mantém alienado e perdido entre as técnicas e as divisões da ciência psicológica, executando uma prática que carece de um perfil próprio de suas funções e em comunicação direta com a comunidade, a quem deveria

prestar seus serviços; a segunda progressista, que quer fazer da ciência psicológica instrumento de libertação, quando se coloca a serviço de uma política democrática e procura ter sempre em mira o ser humano em sua totalidade.

Merecem uma atenção especial, nesse estudo, a questão da ciência psicológica e sua prática profissional, e a questão da formação do futuro profissional que ensina a Psicologia. A disciplina Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade se constitui, na última etapa formativa do licenciado em Psicologia e nesse momento, a perspectiva de profissionalização tem sofrido a ausência de um projeto definido de atuação. Segundo Oliveira e Manzolli¹ falta

"... um consenso entre os que atuam nesta área, sobre em que se constitui o treino prático em ensino, seus objetivos e como organizar o estágio e a referida supervisão. Muitos programas de Prática de Ensino, carecem de dois tipos de referenciais teóricos : um que explicita a proposta de desempenho docente apresentada como desejável para a interação entre professor e alunos, e que deve ser aprendida pelos futuros professores, e o referencial que aponte os fundamentos do processo de aprendizado para ser professor. Os referenciais devem apontar 'o que é ser professor' e 'como aprender a ser este professor'".

Uma reflexão sobre a prática profissional deve necessariamente nos remeter à questão primeira — a ciência

1. OLIVEIRA, Z. de M.R. de e MANZOLLI, M.C. "Supervisão de regência em prática de ensino através de técnicas de 'role playing'". Cadernos de pesquisa. São Paulo, (30) 14-25. Ago. 1981.

psicológica, enquanto tal — e são várias as considerações que se delineiam nesta perspectiva.

A rigor, deveria abranger desde a questão epistemológica até a questão das responsabilidades sociais " destrinchando " por assim dizer, o trabalho científico em Psicologia.

Tais questões, apesar de não serem esgotadas neste trabalho, ou sequer discutidas na amplitude que merecem, permaneceram sempre presentes em nossa caminhada.

Entre os vários autores que se dedicam a esta reflexão, destacamos o pensamento de Hilton Japiassu pela sua grande contribuição que já prestou à ciência psicológica, e principalmente pela sua influência em nossa formação. Ele destaca alguns pontos que acreditamos de utilidade para o nosso trabalho na medida em que sempre nos provoca, depois de cada etapa concluída, a voltar à tarefa de pensar e repensar o próprio papel da ciência psicológica, tendo como referência a prática profissional.

Segundo este autor, a ciência enquanto corpo de conhecimentos altamente considerado nos seus domínios internos e nos meios populares, está muito distante das práticas comprometidas. Para ele²,

"... não existe definição objetiva, nem muito me

2. JAPIASSU, H. O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro. Imago. 1975 p. 10.

nos neutra, daquilo que é ou não a ciência. Esta tanto pode ser uma procura metódica do saber, quanto um modo de interpretar a realidade; tanto pode ser uma instituição, com seus grupos de pressão, seus preconceitos, suas recompensas oficiais, quanto um metiê subordinado a instâncias administrativas, políticas ou ideológicas; tanto uma aventura intelectual conduzindo a um conhecimento teórico (pesquisa), quanto um saber reelizado ou tecnicizado".

Portanto, enquanto prática, a ciência psicológica tem como objetivo³

"... a procura indefinida e o progresso do conhecimento por si mesmo".

entretanto ela não se apresenta como neutra, pois está amplamente comprometida com os interesses econômicos, políticos e outros, e é aqui que se apresenta como contestável o seu valor como ciência " pura ". Ele nos alerta também, para uma possível ameaça que envolve o conhecimento do homem. Diz ele⁴

"... o indivíduo que dá primazia ao valor da vida sobre o valor do conhecimento, pode tornar-se adversário do conhecimento na medida em que o julga como uma ameaça à existência do homem".

E quando se reporta à atividade científica, sempre a idéia de isenção e libertação do subjetivo, se apresenta. Então, conhecer o valor da vida como um conhecimento adquiri

3. Ibidem, p. 31.

4. Ibidem, p. 32.

do, objetivo, verificável e controlável, deixa o ser humano um tanto inseguro, pois sente medo e ameaça, à simples idéia de estar sendo manipulado, em detrimento de sua própria escolha enquanto sujeito e objeto de conhecimento. Sem o suporte de uma epistemologia e da atitude crítica que ela permeia, a prática científica pode cair nos domínios do mecânico. Para ele⁵

"... falar de epistemologia, é falar da necessidade de fazer uma sociologia do conhecimento e, até mesmo, uma sociologia da ciência".

As ciências humanas apresentam-se como praxeológicas, realizando uma comunicação direta entre o sujeito, e o objeto de estudo, isto é, seu caráter intervencionista, cobra o retorno social, ao pretender resolver o que há de oculto no universo. Questões sociais do comportamento humano fazem frente às ciências humanas, como um verdadeiro desafio ao estudar, entender, explicar, intervir e modificar em nome de quem ? e a serviço de quem ? Em suas palavras⁶

"Hoje em dia, as atividades humanas, no plano científico, são como que ocultadas pelas operações formais, caracterizando o espaço em que se produzem os acontecimentos humanos. Trata-se de 'operações' mais ou menos dissimuladas pelos 'resultados' que lhe servem de suporte e que as alienam ao reduzi-las a 'coisas'; isto é, a realidades empíricas".

5. Ibidem, p. 24.

6. Ibidem, p. 52.

No que diz respeito, especificamente, ao campo das ciências humanas, Japiassu afirma que a técnica de intervenção no domínio humano apresenta-se pela : 1) interferência ideológica na Psicologia com função cultural relevante ao se definir como prática psicológica de função explicativa; 2) critério de produtividade e de ação, que se baseia na imagem das ciências da natureza, portanto fragmenta os estudos e se utiliza dos instrumentos estatísticos para se organizar; 3) a ideologia dominante é a que reforça uma ou outra orientação de pesquisa, sendo orientadas e construídas para responder a todos os tipos de demandas; 4) o aspecto intervencionista da pesquisa científica que vem atendendo às necessidades do mercado e a criação de potencialidades de novas forças produtoras; 5) as repercussões dessa intervenção no domínio humano, fazem com que o homem comece a desenvolver novas " visões " sobre ele mesmo, sentindo novas reações afetivas e experimentando necessidades outrora inexistentes (ocorre a constatação da verdade e ao mesmo tempo a frustração pelo seu caráter alienante); 6) a praxeologia se apresenta como denúncia das mistificações da consciência, como afirmação da positividade e como a apologia da prática científica; 7) a prática precisa ser refletida através de seus produtos porque ao interferir e agir na vida e no próprio pensamento, podem tender a fechar seus resultados humanos e se converter em intervenção técnico-científica sobre a economia do saber; 8) a chamada epistemologia interna, permite a reflexividade à tecnicidade, ao ser capaz de colocar os problemas de seus

próprios fundamentos, questionando sobre o sentido de seus conceitos fundamentais sobre a validade de seus métodos e sobre o alcance de seus resultados; 9) a ciência em seus prolongamentos técnicos se encontra cada vez mais vinculada a uma certa transformação do mundo; 10) as ciências humanas, especificamente, deixaram de ser uma teoria, uma visão ordenada do mundo, para tornar-se uma " techné ", ou uma intervenção voluntária sobre os fenômenos⁷.

Desse modo, as ciências humanas tornam-se cada vez mais uma atividade e uma força produtora, um modo de atividade humana importante na existência moderna do homem, pelo caráter eminentemente operatório e portanto intervencionista no domínio humano.

No caso da Psicologia, enquanto ciência humana, esse quadro permeia a comunicação entre o pesquisador e o pesquisado através das reflexões provenientes dessa prática, que refletem uma ação/reflexão/ação. Isso mostra um quadro que se traduz numa cobrança da comunidade social pelo retorno que espera da ciência psicológica, ao investir na mesma como prática educativa. A expectativa se reduz ao técnico-científico e nessa perspectiva o que se apresenta como bom, é o que é anunciado pelos tecnocratas.

Com referência ao problema específico daqueles que têm em suas mãos a responsabilidade da formação de novos

7. Ibidem, p. 64 a 70.

fissionais na área da ciência psicológica, ressalta-se a importância do como formar esses elementos. Encontramos aqui duas tendências, a primeira que reflete a fragmentação dos estudos humanos por se basear nas ciências da natureza, que valorizam os procedimentos estatísticos, a positividade da ciência, a função explicativa das questões humanas, e uma visão ordenada de mundo; a segunda que através da prática permite levantar questões epistemológicas que produzem a reflexão ao questionar a validade de seus métodos e alcance de seus resultados, justamente por entender que está ligada a transformação do mundo pela intervenção voluntária sobre os fenômenos. Atualmente, a ciência psicológica tem passado por uma crise, justamente por ter se dedicado apenas a explicar, a apresentar uma visão ordenada de mundo, a fragmentar seus estudos humanos. Essa tendência tem sido também a seguida pelos profissionais em sua prática clínica, individual e fragmentada de ser humano, assim como toda essa mensagem tem sido a transmitida pelos responsáveis na formação de recursos humanos em Psicologia aos novos profissionais.

Com referência à prática profissional da Psicologia, o quadro se delineia com uma centralização na área de Psicologia clínica (27,5%). Os que trabalham em diversas combinações totalizam 26,3%, aqueles que estão fora da área formam 22,7%, os da Psicologia organizacional 15,0% e 4,6% para aqueles que se dedicam à Psicologia escolar, sendo que 3,3% ao ensino de Psicologia, 0,6% à Psicologia comunitária

e nenhum à pesquisa em Psicologia⁸.

Esses dados indicam ser pouco expressiva a porcentagem de profissionais que se dedica ao ensino da Psicologia — 3,3% — sendo estes os que vêm se dedicando à formação de recursos humanos, a prática que exercem tem especial significação. Realmente, a prática que permita a visão e compreensão do ser humano em sua totalidade, bem como a reflexão dessa prática através de seus produtos humanos é que poderia fornecer os elementos para que a Psicologia exerça sua função libertadora, inclusive ao formar novos profissionais. Portanto, esse professor de Psicologia deveria centralizar sua ação no formar a inteligência.

No dizer de Japiassu⁹

"Ensinar a aprender a se construir ou a se reconstruir : eis o papel do educador".

Vivemos num mundo instável, que se desfaz e refaz a cada momento, portanto criar e recriar a cultura torna-se vital no processo educativo. Entendemos que, somente através desse caminho, é possível estar próximo da realidade na qual se atua profissionalmente, assim como é preponderante compreender o significado da fundamentação teórica referente

8. Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo. O perfil do psicólogo no Estado de São Paulo. Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo. Conselho Regional de Psicologia - 6.^a região. São Paulo. Cortez. 1984. p. 46.

9. JAPIASSU, H. O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro. IMAGO. 1975. p. 153.

ao conteúdo específico - Psicologia - e ao aparato da ação pedagógica oriundo de um profundo conhecimento da Educação e da Sociedade, e finalmente a instrumentalização técnica que complementa a ação eminentemente crítica desempenhada pelo professor.

Infelizmente esse quadro de questões referidas apenas, e que a nosso ver delineia um perfil aceitável de professor de Psicologia, tem se apresentado quase em branco. No que se refere ao ensino da Psicologia no segundo grau, poucos são os profissionais da Psicologia que se dedicam ao exercício do magistério, quer por valorizar o " status " de psicólogo e perseguir o papel de técnico-especialista que lhe faculta a inserção na imagem de trabalhador autônomo, quer por não ter ainda descoberto que pode atender também a rede de ensino do segundo grau, trabalhando com uma população adolescente que praticamente desconhece sua ação. A pouca porcentagem de psicólogos que se dedica ao ensino concentra-se no terceiro grau, e dedica-se à tarefa de ensinar a Psicologia nos meios universitários, quase que, exclusivamente, nos cursos de Psicologia no Brasil, reproduzindo a visão de ser humano compartimentalizado. A procura de novos rumos para a ciência e a profissão, tem se dado de maneira muito tímida, seja através da reflexão de sua ação na sala de aula de sua participação nos sindicatos de psicólogos, nas associações de professores, e na elaboração de estudos que buscam a reformulação da ação pedagógica.

Trata-se de um quadro interessante, o do ensino da

Psicologia e sua prática. Entende-se ensino aqui, toda e qualquer ação - seja ela no segundo, terceiro ou graus mais adiantados, como a exercida nos meios não formais das palestras a mães, pais e cursinhos - pedagógica exercida por um profissional da Psicologia. Ora, essa ação não vem sendo exercida por esse profissional, tem sido praticada no Brasil por outros profissionais de áreas afins, pois inicialmente não haviam os recursos humanos da área específica, que foi firmada como profissão há apenas vinte e dois anos. E também porque, pela própria formação recebida na universidade, havia o interesse na prática do profissional liberal, em detrimento do profissional assalariado sujeito às leis trabalhistas, horários e outros. Esse mito permitiu que o espaço do ensino no segundo grau da Psicologia permanecesse aberto. Atualmente os profissionais, como consequência do momento brasileiro que todos nós vivemos, estão se mobilizando através das associações de classe, para que tenham condições de conquistar o que a legislação prescreve como sendo de vários profissionais, e o que na prática, o psicólogo sempre relegou a um segundo plano. Também o mesmo acontece com o psicólogo que, ao exercer sua profissão, de forma individual, em gabinetes e consultórios, deixou margem a muitos confrontos e sobreposição de papéis. Consideremos como exemplo, a grande semelhança entre papéis exercidos por psicólogos clínicos e psiquiatras, por psicólogos do trabalho e administradores de empresas, por psicólogos escolares e orientadores educacionais, e outros. No ensino, o principal confronto es

tã entre o professor de Psicologia e o pedagogo.

Para entender essa situação aparentemente conflitante, por colocar em questão a disputa pelo mercado de trabalho, numa sociedade capitalista, eminentemente competitiva e alienante, torna-se mais do que evidente a análise histórica do problema. De acordo com Campos¹⁰

"... a compreensão do quadro ideológico de concepção do homem e do mundo que vigorava no momento de constituição de seu lugar, que podemos chegar a compreender a que tipo de demanda veio a atender o profissional de que falamos".

Por extensão compreende-se que a especialização do saber intra-muros universitários, resultou nas várias especializações técnicas que acreditam ter como posse, a verdade do conhecimento. Ora, essa situação deixa de ver a perspectiva da interdisciplinaridade, do trabalho em equipe, da visão total do homem capaz de integrar todos os saberes em vista do fazer.

Essa visão pluralista do saber, que implica em imaginação e espírito de criatividade, está se pretendendo como a base a ser seguida pelo professor de Psicologia, na busca da reflexão sobre sua ação, como subsídio de ações futuras, seja ele psicólogo ou professor de Psicologia.

Sabemos que a aprendizagem de papéis é um processo

10. CAMPOS, R.H. de F. "A função social do psicólogo". Educação e sociedade. CEDES 16. Dezembro de 1983. p. 75.

que se dá pelas expectativas sociais e pelo conhecimento que se tem do mesmo, através da socialização. Ora, no caso da aprendizagem dos papéis profissionais de professor de Psicologia e de psicólogo as expectativas sociais quer dos profissionais, quer da comunidade carecem do conhecimento de perfis eficazes para a sociedade. A imagem que se tem é a de um profissional que está a serviço do sistema, e da manutenção da ordem social das coisas. Sabe-se mais do que nunca, que não é por aí que se chega à função de transformação social eminentemente educativa, seja exercida por professores de Psicologia, seja por psicólogos.

Essa situação é encontrada nos domínios nacionais, não se apresentando como única no curso de Psicologia, do Centro Universitário de Corumbá, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde realizamos nosso trabalho específico. Esta tem sido uma questão que emerge hoje amplamente discutida entre os professores de Psicologia que estão nos meios universitários, preocupados com a formação de futuros profissionais e sua prática, nas reuniões de classe que tem oportunizado a discussão dos trabalhos desenvolvidos, a ação exercida, a reflexão sobre essa ação e a proposta de novas metas. Isso ocorre nos congressos, nos encontros e principalmente ao nível dos Conselhos Regionais de Psicologia (aqui me reporto especificamente ao da 6.^a região), que tem discutido o tema, mobilizando os profissionais através de comissões de estudo que tem apresentado ações concretas de mudança. Esse caminho tem sido moroso, mas creio, correspon

de aos anos de obscurantismo que vivemos no nosso processo formativo, e só a partir de um processo reflexivo, novas perspectivas de abertura se descortinam pelas ações diretas que parecem indicar mudanças. Desta forma, o processo de socialização e a incorporação de papéis profissionais apresentaram um perfil que não mais se sustenta, embora seja ainda bastante reproduzido. Torna-se necessário não só mudar para se buscar um novo perfil profissional que atenda a demanda social. O novo perfil não está pronto, não é definitivo, se constrói, se faz e se refaz, não só na medida em que atenda à comunidade, mas na medida em que sua prática seja permeada pela reflexão primeira a que nos referimos até aqui. Neste caminho talvez a perspectiva seja a de uma prática libertadora. Nos parece ser nesta ótica, que a ação pedagógica deva ser projetada. É devido a este quadro, o nosso interesse em estudar a formação do professor de Psicologia. Concordando com Japiassu, quando afirma que¹¹

"... ora, se os métodos pedagógicos não forem capazes de introduzir no educando certa necessidade psicológica, certo 'desequilíbrio' (Piaget) : processo de desequilíbrio-equilibrante; se não forem capazes de introduzir nele um fator de desencantamento e de desenfeitiçamento, ele não poderá participar ativamente da cultura, permanecendo um mero consumidor, de conhecimentos já elaborados, já construídos e assimilados por outros, será essa 'caixa negra' receptora passiva de todos os inputs externos, produtora inconsciente ou ingênua dos vários outputs cujo senti

11. JAPIASSU, H. O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro. Imago. 1975. p. 152.

do e cuja razão de ser são solenemente ignorados".

Diríamos que se vislumbra na atuação do professor uma perspectiva de romper o ciclo de reproduções dogmáticas acerca da ciência psicológica e suas práticas profissionais.

1.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PROBLEMA EM ESTUDO

No presente estudo, a preocupação está no modo como os alunos de licenciatura de Psicologia percebem a função de professor de Psicologia, para a qual estão sendo preparados e se a confundem com a de psicólogo, e também como percebem a função de educador. Em outras palavras, como tem sido a ação social da educação desses profissionais e de que modo internalizam os papéis, no processo de socialização.

Com referência ao papel de professor existem expectativas dos futuros profissionais ? qual a denominação das expectativas ? como internalizam o papel a partir do perfil que se lhes tem sido apresentado ? Essas questões convergem na preocupação do presente trabalho, pois no processo de socialização¹²

"Realmente, o desempenho de um papel é cercado

12. ASSIS, M.C. de A influência dos estudos pedagógicos sobre a percepção do papel de professor. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 1977. p. 18.

por expectativas das mais diversas procedências. Assim, por exemplo, no caso do papel do professor são inúmeras as pessoas e posições que mantêm em relação a ele suas expectativas, que muitas vezes podem ser até conflitantes. Dentre as expectativas que exercem considerável influência sobre o desempenho de papel, isto é, sobre a atuação de uma pessoa numa dada posição social, estão as expectativas ou conceitos do próprio ator a respeito da posição social que ocupa. Assim sendo, no caso do papel de professor deve-se dar especial atenção ao conhecimento das expectativas que tem em torno desta posição aquele que irá efetivamente desempenhá-las, isto é, o próprio professor. A essas expectativas correspondem diferentes denominações na teoria de papel, outros como papel ideal e outros, ainda, como disposições-necessidades".

e os alunos de licenciatura em Psicologia ao terminarem seu curso, têm em mira a natureza do papel de professor de Psicologia que irão desempenhar ?

Sob o ponto de vista prescrito pela legislação, a formação de professores em nível superior no Brasil compreende três ordens de estudos, cada um com finalidades complementares. Os estudos do primeiro ciclo objetivam proporcionar oportunidades para orientação e escolha de carreira, bem como um melhor embasamento para os estudos a serem realizados em ciclos ulteriores. Os estudos das chamadas disciplinas de conteúdo, que na verdade representam, uma especialização em determinada área da cultura, visando a assegurar o indispensável domínio das disciplinas que futuramente o aluno irá lecionar. Finalmente os estudos que estão diretamente relacionados com a formação pedagógica e que visam a proporcionar aos licenciandos a formação teórica-prática com vistas a uma eficiente atuação como educador.

No caso da formação de professores de Psicologia, o mesmo se sucede e não podemos considerar apenas as matérias pedagógicas como as responsáveis pela formação do professor, mas também todas as disciplinas componentes do curso de licenciatura. Ao seu final, a Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade constitui-se no único veículo de formação do futuro docente. Do mesmo modo, ao final do curso de formação de psicólogo, os Estágios Supervisionados em Psicologia Clínica, Escolar e Industrial constituem-se no treinamento prático do futuro psicólogo, mas são todas as outras disciplinas do curso, igualmente responsáveis pela sua formação.

Ainda na perspectiva da formação de recursos humanos - licenciatura em Psicologia - na concepção de Mediano (1984) a formação precisa de um suporte tríplice : a formação geral, a formação especial e a formação pedagógica. E ao se referir ao professor de Prática de Ensino enfoca uma questão bastante pertinente. Para ela¹³

"... o professor de Prática de Ensino não é apenas aquele responsável pelas atividades práticas desenvolvidas pelos licenciandos nas escolas de 1º e 2º graus, durante um ou dois semestres, mas também no que se refere aos professores das áreas de conteúdos e das áreas de fundamentos da educação, inclusive os das matérias técnico-pedagógicas. Quando se vive a relação teoria-prática, a

13. MEDIANO, Z.D. "A formação do professor de prática de ensino". Educação e sociedade. CEDES 17: 138-148. Abril de 1984. ps. 139 e 140.

prática de ensino não pode estar reservada a um momento final, mas perpassa todo o curso de graduação que o aluno faz. Portanto, preconizamos que existem professores de Prática de Ensino stricto-sensu, ou seja, os que estão incumbidos de orientar e acompanhar as atividades nas escolas de 1º e 2º grau e professores de Prática de Ensino lato-sensu que seriam todos os demais que contribuem para a formação do licenciado".

O que se pretende questionar aqui, é que não é só o docente das matérias profissionalizantes desenvolvidas sob a forma de estágio supervisionado, ou os responsáveis pelas matérias pedagógicas, os únicos responsáveis pela formação profissional do discente, mas também, todos os outros que no decorrer do curso desenvolveram as matérias do currículo mínimo, consideradas como básicas e obrigatórias. Essa formação curricular fragmentada em partes que nem sempre se reúnem, traduz a imagem de ciência dividida em ciências "pedagógicas", ciências "técnicas" que tratam de assuntos específicos do comportamento humano, e de uma reflexão partida sobre o que ele é. Apresenta o ser humano partido em várias óticas, que tornam míope a sua compreensão, ao perder de vista sua totalidade, e ao denotar a ausência de um paradigma que possibilite à ciência psicológica essa visão, ao estudar seu objeto de conhecimento. Sem dúvida nenhuma, o momento da Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade, é privilegiado, pois permite uma retomada dos conhecimentos técnicos adquiridos até então, através do questionamento e da reflexão dos modos mais adequados de transmiti-los a outros. Realmente esse é o momen

to de testar os conhecimentos adquiridos, ao ensiná-los para outros.

Já nos referimos neste trabalho, que são poucos os que se dedicam ao exercício do magistério em Psicologia, bem como o desinteresse dos alunos do curso, pelas matérias pedagógicas e pela licenciatura, que os habilitam a ser professor de Psicologia. O magistério tem sido sempre a última opção dos que militam na ciência psicológica, e quando o exercem, encontram uma série de dificuldades, referentes às expectativas do pessoal da escola em relação a esse professor, em especial.

Numa revisão bibliográfica sobre o tema prática de ensino de Psicologia realizada nas bibliotecas das Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, verificou-se a inexistência de trabalhos sobre o assunto, em específico. O que pode ser considerado como trabalho que se reporta ao padrão de comportamento do professor (subentendido aqui como o professor de Psicologia), e ao padrão de comportamento do psicólogo (subentendido aqui como psicólogo escolar, com papel de clínico na escola) e dos problemas que podem ser originados quando um professor assume o padrão de comportamento do terapeuta, é o de Symonds (1949) que faz uma identificação entre os padrões de comportamento do professor e do terapeuta. Para

ele, estes papéis são os seguintes:¹⁴

"1. os professores e os terapeutas tratam os alunos como indivíduos que são capazes de assumir lentamente responsabilidade e direção do seu comportamento.

2. os professores e os terapeutas precisam aceitar os indivíduos como eles são.

3. os professores e os terapeutas precisam manifestar um sentimento acolhedor, amigável e compreensivo.

4. os professores e os terapeutas precisam ser até certo ponto permissivos.

5. os professores e os terapeutas têm a responsabilidade de compreender os alunos.

6. os professores e os terapeutas precisam ter uma sensibilidade para os sentimentos dos alunos e devem auxiliá-los a se tornarem conscientes desses sentimentos".

Portanto, o professor não pode assumir padrões terapêuticos, mas em algumas áreas de comportamento, os dois padrões podem coincidir.

Ainda para o mesmo autor, o professor não pode realizar uma tarefa totalmente psicoterapêutica porque:¹⁵

"1. os professores estão em primeiro lugar interessados no mundo de realidades, enquanto que os terapeutas precisam focalizar a sua atenção na vida interna dos alunos.

2. um professor ama e expressa amor, mas evita côlera e ódio; um terapeuta não expressa amor ou ódio.

14. MARTINS, J. "O psicólogo escolar". Revista de psicologia normal e patológica. São Paulo. Ano XVI - janeiro-março de 1970. nº 1. 1970. p. 37.

15. Ibidem, p. 37 e 38.

3. um professor pode usar recompensas e punições mas o terapeuta não o faz.
4. um professor estimula, dirige e guia o aluno, enquanto que o terapeuta só tenta a auto-determinação do indivíduo.
5. um professor precisa algumas vezes permanecer firme e imutável perante alguns aspectos ou problemas surgidos, mas um terapeuta não pode tomar esta atitude de firmeza.
6. um professor precisa ter um programa (quer seja desenvolvido pelo professor ou pelo aluno) e deve dar ordens e dirigir o cumprimento deste programa. O terapeuta não precisa estar ligado a programa algum.
7. um professor trabalha principalmente através das forças positivas existentes na personalidade do aluno e que ele estimula. As forças negativas são canalizadas para atividades construtivas. O terapeuta, por outro lado, deve permitir a expressão direta das forças negativas.
8. um professor está mais interessado nos processos mentais conscientes e possui pouco treino e direção dos processos inconscientes. O terapeuta tem um treinamento e habilidades especiais para o reconhecimento e compreensão das forças inconscientes".

Os trabalhos que se referem ao padrão de comportamento do professor como terapeuta, revelam mais um otimismo, do que uma realização, pois com classes numerosas essa prática de compreender os alunos, torna-se impossível. O que parece acontecer é o professor possuir pouca informação e conhecer muito pouco os seus alunos. E Martins (1970)¹⁶ levanta a

"... hipótese de que os professores, no seu processo de formação, recebem pouco treinamento nes

16. Ibidem, p. 39.

*ta linha de observação e de compreensão do com
portamento dos alunos".*

Provavelmente, a divisão da Psicologia em campos de conhecimentos específicos, se apresenta como conseqüência da própria divisão das ciências humanas, que ao buscar sua compreensão mais ampla, perde de vista sua totalidade. E o professor de Psicologia também perde de vista a totalidade de seu aluno, ao priorizar em sala de aula o conteúdo e a competência acadêmica, em detrimento do conhecimento do aluno e do desenvolvimento de sua personalidade total.

A própria estrutura da universidade, organizada sob a forma de departamentos considerados como unidades básicas constituídas pela reunião de disciplinas afins, no desempenho de funções relacionadas com a pesquisa, a docência e a administração, facilita a fragmentação. As disciplinas constituintes da parte do currículo necessária para a formação pedagógica dos licenciados, encontram-se nos Departamentos de Educação, ou nas Faculdades de Educação, desvinculadas do Instituto de Psicologia que é o responsável pela docência das disciplinas tidas como de " conteúdo ".

1.3 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Partindo de todas essas questões é que se apresenta esse trabalho com o objetivo de fornecer subsídios para uma reestruturação da disciplina Prática de Ensino de Psico

logia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade junto a todos os alunos do último ano do curso de Psicologia-Licenciatura, do Centro Universitário de Corumbá, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que em 1982 e 1983 cursaram a referida disciplina. Procurou-se detectar quais as percepções que os sujeitos tinham do papel de professor de Psicologia e do papel de psicólogo e das funções de ensinar e educar.

Consideramos oportuno um confronto com futuros profissionais, no momento de sua passagem de uma reflexão teórica para um "ensaio" de prática profissional.

Este confronto - para nós privilegiado, dentro da grade curricular - corresponde a uma etapa onde o aluno, de posse de informações científicas, de natureza teórica, olha e apreende o mundo real, onde se configuram as ações humanas, que ele deverá compreender e explicar.

CAPÍTULO II

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O termo prática é definido no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda como uso, experiência, exercício. A prática do trabalho do psicólogo, quanto à natureza das funções profissionais apresenta duas modalidades : ensino nos seus diferentes níveis, o superior, o médio e outros, e a aplicação das técnicas psicológicas nas três áreas de trabalho : clínica, industrial e escolar.

Vários trabalhos têm apresentado a prática profissional do psicólogo, enquanto estudo, críticas e reformulações de ação, apenas no campo da aplicação das técnicas psicológicas. No campo do ensino da Psicologia, a preocupação tem sido apenas com o de nível superior e tão somente com o que ocorre nos cursos de Formação de Psicólogo, não se reportando à formação processada no curso de Licenciatura em Psicologia, e nem à extensão do ensino da Psicologia em outros cursos superiores.

Ora, essa situação está apenas se atendo às práticas da ciência psicológica, em sua modalidade de aplicação técnica.

O que pretendemos é enfocar a prática da ciência psicológica, na modalidade de ensino, não através da prática de ensino realizada nos Estágios Supervisionados em Psicologia : Clínica, Escolar e do Trabalho, mas sim através da prática de ensino realizada nos estágios supervisionados da licenciatura - Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade.

Vários estudos foram realizados com a finalidade de discutir a prática profissional do psicólogo. Não pretendemos abordar todos, mas apenas nos referir a alguns deles, realizados especificamente nas áreas da Educação e da Psicologia, que como campo de trabalho oportunizam o encontro dos profissionais : professor de Psicologia e psicólogo. Não fazem a distinção clara desses papéis, mas um início de discussão, permeia estes trabalhos.

Pereira, (1981)¹⁷ discutindo a formação profissional dos psicólogos, revela a preocupação com a prática profissional do aluno da graduação durante os estágios supervisionados e a mensagem veiculada é a de que¹⁸

"... o comportamento humano só é apreensível por uma infinidade de fórmulas fragmentárias".

17. PEREIRA, S.L. de M. in PATTO, M.H.S. org. "A formação profissional dos psicólogos: apontamentos para um estudo". Introdução à psicologia escolar. São Paulo. T.A. Queiroz. 1981. p. 424-430.

18. Ibidem, p. 425.

Aqui, a referência aos estágios supervisionados traz implícita, a idéia de serem os estágios de aplicação das técnicas psicológicas nas três áreas de trabalho : clínica, industrial e escolar. Não menciona os estágios supervisionados em licenciatura de Psicologia, que se referem ao ensino da ciência psicológica nos três níveis de ensino : o superior, o médio e outros. Parece-nos que ao mencionar os estágios de aplicação de técnicas psicológicas, evidencia a preocupação com o ensino de Psicologia, no próprio curso de Formação de Psicólogos, não se preocupando com o seu ensino no curso de Licenciatura em Psicologia - que é a preocupação central desse trabalho - e não mencionando sequer o seu ensino em outros cursos de ensino superior, e nos cursos do ensino médio.

Masini (1981)¹⁹, apresenta a discussão do problema da atuação do psicólogo escolar ao perceber os limites profissionais da ação da psicologia clínica e educacional. Trata-se de um modo de reflexão muito correto, por abordar questões tão importantes e atuais como a relação estreita do psicólogo escolar, com o educador. Retrata de maneira clara, a nossa realidade brasileira, nos cursos de Psicologia da cidade de São Paulo, numa atitude de coragem, com finalidade de abrir discussão sobre o assunto com profissionais que exercitam em outros locais brasileiros.

Portanto, o enfoque está no treinamento do psicólogo

19. MASINI, E.S. Ação da psicologia na escola. 2.^a ed. ampl. São Paulo. Moraes. 1981.

lo para a ação na escola. Não se refere ao licenciado em psicologia e seu treinamento para ser professor. Parece-nos que essa ausência de estudos que ensinem o aluno a ser professor de Psicologia, contrastante com a riqueza dos trabalhos até então realizados, que se preocupam com o como ensinar o aluno a ser psicólogo, é parcialmente explicada pela valorização do técnico e não do ensino. O mesmo ocorre em áreas como a Medicina, a Engenharia, a Arquitetura, a Química e outras, a abordagem profissional é extritamente especializada, e desvincula a contribuição da área da Educação, no momento de ensinar, como ensinar essas diferentes áreas de conhecimento.

Melo (1983)²⁰, realiza uma análise da profissão e das suas possibilidades como modalidade de aplicação de conhecimentos científicos, bem como através da atuação dos profissionais ao nível do social. Restringiu a amostra, aos psicólogos diplomados pelos cursos de Psicologia existentes na cidade de São Paulo em 1970 e dos 198 sujeitos as atividades exercidas foram distribuídas em : ensino, psicologia clínica, psicologia escolar, psicologia industrial. E separa em duas modalidades distintas de atuação, quanto à natureza das funções profissionais : a primeira ou o ensino referido essencialmente à formação dos profissionais; a segunda ou a aplicação de conhecimentos e técnicas especificamente psico

20. MELO, S.L. de Psicologia e profissão em São Paulo. 1.^a ed., 5. impressão. São Paulo. Ática. 1983.

lógicas. A autora faz referência ao ensino, de forma ideal, como vinculado à ciência e à pesquisa, onde as funções profissionais não são, em sua essência, diferentes das dos profissionais ligados ao ensino de qualquer outra área do conhecimento.

Convém chamar a atenção para dois pontos importantes. Em primeiro lugar, a modalidade - ensino - refere-se essencialmente à formação dos profissionais, portanto, ao ensino do terceiro grau. Entretanto, não menciona o ensino da Psicologia no segundo grau, campo de trabalho ainda não ocupado pelo licenciado em Psicologia e pelo psicólogo. E, em segundo lugar, iguala as funções profissionais desse professor específico, às do ensino de qualquer outra área do conhecimento, no que não concordamos por negligenciar o aspecto que direciona o próprio conteúdo à realidade de vida dos alunos e do próprio professor. Dos psicólogos que se dedicavam ao ensino, os dados de sua pesquisa indicavam ser apenas um deles a exercer o magistério ao nível do segundo grau, e cinquenta e oito (58) a exercer o magistério ao nível superior, de terceiro grau. Portanto, as atividades docentes representam especificamente o ensino superior, sendo muito reduzidas as experiências docentes em outros níveis de ensino.

O trabalho dessa autora apenas se reporta à pouca expressividade das experiências docentes do professor de Psicologia no segundo grau. Não apresenta um estudo que remeta às causas dessa negligência ou à não ocupação do espaço profissional, garantido por lei, ao licenciado em Psicologia.

Uma possível causa seria a não identidade como professor, mas apenas como psicólogo, originando a ausência de um perfil profissional que proporcione expectativas de papéis.

Faz um estudo específico sobre o ensino da Psicologia no ensino superior nos cursos de Bacharel em Psicologia, de Licenciatura em Psicologia e de Formação de Psicólogos, mas centraliza sua ótica na Formação de Psicólogos, nas especificações da grade curricular e nos estágios supervisionados. Perde de vista a Licenciatura em Psicologia, que é a preocupação desse trabalho, e nem percebe a existência do Bacharel em Psicologia.

Leite (1984)²¹, chama nossa atenção para a posição ingênua de interpretar a questão do psicólogo escolar e do pedagogo, como mera legalidade dos textos. Direciona e amplia a ótica do problema para²²

"... a realidade educacional brasileira, gerada por uma política educacional que não tem atendido às necessidades da maioria da população, ao mesmo tempo que tem provocado o esvaziamento dos cursos responsáveis pela formação do próprio educador".

Ainda nesse trabalho, de valor considerável para a

21. LEITE, S.A. da S. "Relação psicólogo escolar x pedagogo: questão de definição de funções ?" Boletim da Associação Estadual de Psicopedagogos de São Paulo. Ano 3. nº 4. Abril/84. p. 19-26.

22. Ibidem, p. 19.

atuação profissional menciona-se o educador em geral, e não o professor de Psicologia. E questiona o sentido de uma discussão em torno de quais devem ser as funções do psicólogo e as do pedagogo na Educação. A análise crítica, do autor, à questão dos especialistas em educação, e da sua extensão, é pertinente, pois mostra que as lutas isoladas por seus respectivos mercados de trabalho, fazem o chamado "jogo do poder", ao continuarem inexpressivas enquanto reivindicação por omitirem-se ante os verdadeiros problemas.

Apenas no trabalho de Martins (1970)²³, é que vamos encontrar os padrões de comportamento do professor referidos como distintos dos de psicólogo, entendido como terapeuta. O autor se reporta ao estudo realizado por Symonds (1949) que aponta algumas semelhanças entre os padrões de comportamento do professor e os do terapeuta, assim como aponta no que esses padrões são diferentes. Esse trabalho é muito importante para o nosso estudo por iniciar um perfil do professor, que acreditamos seja o professor de Psicologia justamente por apresentar um confronto direto entre professor e terapeuta, embora o autor não explicita ser esse o professor de Psicologia. Nesse trabalho a posição do professor é o de um possuidor de uma profunda compreensão dos alunos. Então, se o autor delinea as duas funções, e fala de um professor em geral, e o alerta para o exercício terapêutico em

23. MARTINS, J. "O psicólogo escolar". Revista de psicologia normal e patológica. São Paulo. Ano XVI. janeiro-março de 1970. nº 1. 1970. p. 32 a 38.

sala de aula, ficam as perguntas : seria esse professor com pretensões terapêuticas, o professor de Psicologia ? e seria o trabalho de Symonds, um alerta para os perigos da confusão entre os papéis de professor e terapeuta ? ou, a nosso entender, entre os papéis de professor de Psicologia e de psicólogo ?

O que se pretende evidenciar nos trabalhos realizados, é a ausência do enfoque no licenciado em Psicologia e sua ação prática. Não se procura desmerecer, em absoluto, o mérito desses estudos que têm contribuído, em muito, para o processo ação/reflexão/ação das práticas psicológicas desenvolvidas até então. Apenas se nota que só tratam do psicólogo e não do professor de Psicologia, sua formação, sua ação.

À exceção de algumas teorias do desenvolvimento ou algumas teorias da aprendizagem elaboradas por alguns estudiosos como Piaget, Skinner, Ausubel, Brunner, Rogers e outros, que procuram apresentar um respaldo didático, ou metodologia que orientasse a ação pedagógica contida no ato de ensinar, não encontramos trabalhos que tratem do como ser professor de Psicologia.

Entretanto, para uma compreensão mais abrangente da problemática proposta como objetivo deste trabalho, consideramos oportuno nos reportar às origens históricas da Psicologia no Brasil, antes da apresentação da pesquisa propriamente dita. É o que se delineia no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

A PSICOLOGIA NO BRASIL

3.1 PRELIMINARES SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA PSICOLOGIA NO BRASIL

Vamos tecer algumas notas breves a respeito do início do exercício da Psicologia no Brasil. A sua implantação foi iniciada por religiosos, filósofos, médicos, educadores e, por alguns psicólogos formados no exterior, estrangeiros e brasileiros. Aos poucos, algumas instituições iam solicitando a esses profissionais que oferecessem cursos de Psicologia de caráter monográfico, e de interesse profissional²⁴. Posteriormente surgiram alguns cursos de especialização em Psicologia, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, abertos a graduados em Filosofia e/ou Pedagogia, assim como cursos de Psicotécnica no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, abertos a universitários em geral e pessoas que já vinham trabalhando, de algum modo, em Psicologia. A Lei nº 4.119 de 1962 veio regularizar a formação profissional em Psicol

24. MATOS, M.A. "Ciências humanas e sociais - Psicologia". Avaliação & Perspectivas. Brasília. SEPLAN - CNPq -55: 273-305. p. 275.

gia no Brasil, através de cursos de graduação em faculdades de Filosofia. Esses cursos assumiram, desde logo, caráter profissionalizante, e a atração por essa nova profissão marcava e ainda marca a formação do psicólogo no Brasil, muito mais do que um interesse pela nova área de conhecimento e pesquisa.

A grande procura pelo curso de Psicologia atingiu índices tão elevados que um grande número de escolas particulares do terceiro grau começaram a oferecê-lo por todo o Brasil. Portanto, com a demanda de formação de recursos humanos em Psicologia, iniciou-se a pressão para a melhoria da capacitação docente superior, tendo início já em 1960 os cursos de pós-graduação nessa área²⁵.

"Até então o docente de nível superior era o recém-egresso de cursos de licenciatura e formação profissional em Psicologia no país, o ex-bolista que voltava de realizar estudos pós-graduados no exterior, ou ainda, o ex-filósofo, o ex-educador, entre outros, que sob duras penas do autoritarismo levavam adiante seus estudos até o doutoramento".

Esses dados nos informam sobre a formação do professor de Psicologia do terceiro grau, mas não fazem referência aos quesitos necessários ou à forma como vêm sendo formados os professores de Psicologia que se dedicam ao ensino dessa ciência, no segundo grau.

25. Ibidem, p. 276.

Matos (1982)²⁶ apresenta a peculiaridade e a am
biguidade da Psicologia, mostrando que vem procurando se ex
pressar de forma mais objetiva, e se submeter a enunciados
de demonstração científica. E embora explicações teológicas
não mais sejam bem-vistas, parece ainda difícil livrar-se da
pressão sofrida no sentido de recorrer a explicações racio-
nais e/ou sobrenaturais. Enquanto isso, a investigação e a
prática psicológicas se debatem entre uma variedade de abor
dagens, linhas, escolas e teorias. No aspecto formativo aca
dêmico ou no exercício profissional, a saturação do mercado
de trabalho não foi suficiente para se alterar as tendências
a lidar com problemas emocionais, problemas escolares, pro-
blemas orgânicos e de trabalho. O que ocorre é o subemprego
em outras áreas e o prolongamento na formação, através da
pós-graduação.

3.2 FUNÇÕES SOCIAIS DA PSICOLOGIA

Ao se realizar um estudo da questão do lugar do
psicólogo na divisão social do trabalho, a análise da histó
ria da divisão do trabalho, e a história do psicólogo como
profissional merecem atenção especial, ao se tentar compre
ender a função social do psicólogo, seu compromisso social

26. Ibidem, p. 276, 277.

com a sociedade na qual se insere sua prática²⁷.

Campos (1983)²⁸ entende que a partir da compreensão do quadro ideológico de concepção do homem e do mundo que vigorava no momento histórico de constituição de seu lugar, e que se pode chegar a compreender a que tipo de demanda veio a atender o psicólogo. Localiza o seu surgimento nas sociedades capitalistas da Europa do final do século XIX.

A autora observa que²⁹

"... o tipo de relação de dominação de classe instaurada pelo capitalismo é das menos transparentes da história, pois que se exerce mediada por toda uma ideologia da liberdade individual e da igualdade de oportunidades".

Afirma que a ideologia liberal tem funcionado como produtora do consenso acerca da justeza do modelo de convivência social do capitalismo liberal, na medida em que todas as desigualdades oriundas da divisão de classes e pela propriedade privada, são atribuídas à distribuição desigual de dons, aptidões ou à responsabilidade individual de cada um. Isso vem negar a responsabilidade do todo social pela desigualdade, e demanda a desigualdade natural entre os indivíduos, bem como o surgimento de mecanismos de controle do comportamento.

27. CAMPOS, R.H. de F. "A função social do psicólogo". Educação & Sociedade. CEDES 16. Dezembro 1983: 74-84.

28. Ibidem, p. 75.

29. Ibidem, p. 76.

A autora realiza uma relação entre a divisão do trabalho capitalista que progredia do aperfeiçoamento da institucionalização do trabalho coletivo - do período manufatureiro - para a introdução da máquina no processo de produção e a Psicologia que se preocupava com o estudo da percepção, das habilidades humanas, das aptidões, decorrentes do parcelamento de trabalho.

Também entende que a elaboração dos conceitos de normal e de excepcional que permeiam o trabalho do psicólogo, são decorrentes do processo de produção capitalista, que cria a figura do homem normal, como sendo aquele que está adequado ao processo de trabalho instituído pelo capital e que pode ser convertido em valor-de-troca.

Outro fator importante, por ela analisado, é o da desorganização da produção rural, gerando grandes movimentos de massa em busca de mercado de trabalho na cidade provocado pela empresa capitalista, e como consequência psíquica há o desligamento das relações com a comunidade de origem, e a Psicologia estuda os quadros de distúrbios de personalidade e do comportamento.

Nos meios educacionais a introdução, no interior do aparelho escolar, dos instrumentos de medida da inteligência e do interesse, tratava de justificar e legitimar, através da Psicologia, a questão da desigualdade. A crença na existência de aptidões naturais acompanha o mesmo tipo de

lógica:³⁰

"... a natureza é que dota diferencialmente os indivíduos, não a relação com a natureza que lhes é imposta pelo lugar que ocupam na estrutura social".

A autora também se reporta às atividades de seleção e orientação profissional que ao utilizar instrumentos de medida de capacidade intelectual, atravessados pelo conteúdo cultural dominante, revelam-se como meios de detectar dificuldades sócio-econômicas nos indivíduos a eles submetidos e em apresentar essas dificuldades como dificuldades psicológicas, naturais³¹.

Essa é a denúncia do significado social de certas práticas adotadas pelo psicólogo e que tende a ser desconhecida, negada, e até se constituindo na história da contrapsicologia. Sabemos que sobre o terreno social da contradição de classe³²

"... a prática do psicólogo será necessariamente atravessada por aquela contradição, que reaparecerá como realidade ora negada, ora denunciada em seu trabalho. Observe-se, além disso, que todo saber social - inclusive o saber da Psicologia - é produzido em função e na luta que se trava a nível econômico, político e ideológico entre as classes fundamentais".

30. Ibidem, p. 81.

31. o grifo é nosso.

32. Ibidem, p. 82.

De acordo com o desenvolvimento do capitalismo no Brasil, a categoria profissional - da Psicologia - enfrenta no momento uma crise de mercado de trabalho. Portanto essa crise se apresenta no mercado de trabalho destinado às classes de mais alta renda, e obriga, o profissional buscar ampliar o mercado ao prestar serviços às classes de menor renda. A nova prática que se inicia mostra ao profissional a sua falta de instrumentos para lidar com os problemas com que se defrontam, pela inadequação dos instrumentos tradicionais de trabalho, para o tipo de problemática que aparece como decorrente da relação de dominação de classe socialmente instituída³³.

Quando falamos da auto-realização e do auto-conhecimento como metas a serem atingidas pelo professor de Psicologia e pelo psicólogo, verificamos serem essas metas incompatíveis com a noção de produção psicológica, que o capitalismo apregoa como aceitáveis e adequadas, então poder-se-ia levantar a hipótese de que essa seria uma das causas da desconsideração para com a profissão de professor de Psicologia e com a de psicólogo.

Para Campos (1983)³⁴ a chamada crise da Psicologia, não se trata de que a Psicologia esteja, como ciência, atravessando uma crise teórica ou metodológica, mas

33. Ibidem, p. 83.

34. Ibidem, p. 83.

"Trata-se, muito mais, do fato de que as próprias contingências do mercado estão levando os psicólogos a se haverem com a insuficiência de seus modelos de interpretação do real".

O saber da Psicologia não é um saber de classe, só o é no instante de sua apropriação. Portanto, devemos indagar se os que militam a ciência psicológica, quer no ensino, quer nas suas aplicações técnicas, oriundos de uma das categorias de intelectuais orgânicos da burguesia, poderão reencontrar este lado obscurecido de seu saber, que é o saber sobre a dominação ?

A resposta a esta questão implica muito mais numa ação/reflexão/ação dialética da ciência psicológica e da comunidade, no encontrar sua verdadeira função social ao estudar o comportamento humano, procurando explicá-lo e compreendê-lo ou nele intervir. E com esse objetivo estuda também outros organismos, intercambia com outras áreas de conhecimento para complementar e para assessorar seus estudos e intervenções.

3.3 FATOS HISTÓRICOS RELEVANTES DA PSICOLOGIA NO BRASIL

Embora esteja fora dos nossos objetivos um levantamento exaustivo da história da ciência psicológica, limitâmo-nos aos fatos mais conhecidos que nos remetem às origens e motivações iniciais da prática profissional em Psicologia,

tendo como base o levantamento feito por Lopez em 1981³⁵.

A introdução da Psicologia no Brasil realizou-se através de duas áreas distintas : Medicina e Educação. Os primeiros trabalhos foram teses desenvolvidas nessas áreas, que surgiram entre 1836 e 1900, versando sobre diferentes temas que tratavam de inovações na forma de conhecer, embora tenham sido trabalhos isolados. Em 1890 deu-se a reforma Benjamin Constant que introduzia noções de Psicologia junto às disciplinas do curso de Pedagogia. No ano de 1897 deu-se a instalação do primeiro Laboratório de Psicologia Experimental, na cidade do Rio de Janeiro. Franco da Rocha criava em 1898 o Asilo Central do Juqueri dando assistência a psicopatas inicialmente e depois de dez anos, prestando também assistência psicológica às famílias dos mesmos. Essas atividades refletiam os conhecimentos da Psicologia, dos conceitos psicanalíticos que começavam a ser difundidos, no país, por grupos isolados através de suas atividades no campo da Educação e da Medicina.

A instalação de órgãos de desenvolvimento da Psicologia, no Brasil, ocorreu primeiramente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Foi no ano de 1906 que criou-se o Laboratório de Psicologia Pedagógica, junto ao Pedagogium, no Rio de Janeiro, laboratório planejado em Paris pelo psicólogo

35. LOPEZ, M.A. Avaliação de serviços de psicologia clínica. Tese de mestrado. PUC-SP. 1981.

logo Alfred Binet. E oito anos mais tarde, em 1914 foi criado em São Paulo o Laboratório de Pedagogia Experimental, que dava cursos de Psicometria na Escola Normal de São Paulo.

As idéias de Freud começaram a ser difundidas a partir de 1918, no curso de Farmacologia das Faculdades Metropolitanas Unidas de São Paulo, por Franco da Rocha.

Por volta de 1921 iniciam-se as Jornadas Brasileiras de Psicologia dedicadas à pesquisa e à aproximação das duas tendências de aplicação da Psicologia : a Educação e a Medicina. Eram jornadas anuais realizadas no Hospício Nacional do Rio de Janeiro e patrocinadas pela Liga Brasileira de Higiene Mental.

O então Instituto de Psicologia do Ministério de Educação surgiu em 1923 como Laboratório de Psicologia, do Hospital do Engenho de Dentro.

O ano de 1924 foi profícuo quanto à difusão da Psicologia, pois foram desenvolvidos estudos de seleção e de orientação, por Roberto Mange e Piéron que trabalhavam no Liceu de Artes e Ofícios. Essas atividades refletiam um novo campo de aplicação da Psicologia, na área do Trabalho.

Estudos sobre aprendizagem e o teste ABC foram desenvolvidos por Lourenço Filho, em 1925, na cátedra de Psicologia da Escola Normal de São Paulo.

Em 1927, Piéron dava cursos de Psicologia Experimental e de Psicometria. E Durval Marcondes criava a Sociedade

dade Brasileira de Psicanálise e a Clínica de Orientação Infantil de São Paulo, ligada à Secretaria da Educação.

A Revista Brasileira de Psicanálise teve sua publicação iniciada, no ano de 1928.

Como reflexo do que sucedia em outros países, por volta da década de trinta surgia a supervalorização de técnicas e de especialistas. A Psicologia, na área da Educação, começa a difundir testes, criam-se serviços especiais de atendimento ao escolar e ao excepcional, como um reflexo dessa tendência considerada como modernização e desenvolvimento. A Escola Nova preocupava-se com os aspectos individuais da aprendizagem, enfatizando técnicas destinadas a auxiliar na compreensão de características, possibilidades e dificuldades do indivíduo. Essa preocupação surgiu também, nos serviços de seleção e orientação profissional objetivando a melhor utilização das potencialidades individuais. Em 1930, no Instituto de Organização Racional do Trabalho³⁶, Roberto Mange realizava trabalhos de seleção e orientação de ferroviários.

Lourenço Filho criou em 1931 o Laboratório de Psicologia Educacional e nos seus cursos de aperfeiçoamento para professores, introduziu a disciplina Psicologia.

Helena Antipoff criou em 1932 os consultórios médico-pedagógicos, em Belo Horizonte. No Rio de Janeiro, a Li

36. IDORT - Instituto de Organização Racional do Trabalho.

ga Brasileira de Higiene Mental propunha ao Ministério de Educação e Saúde, a existência de gabinetes de Psicologia junto às clínicas psiquiátricas. No ano seguinte, em 1933, Arthur Ramos criava o Serviço de Ortofrenia, no Instituto de Pesquisas Educacionais, no Rio de Janeiro.

Em 1934 surgiu a Universidade de São Paulo e em 1935 criou-se a Universidade do Brasil e ambas centralizavam estudos de Psicologia. Em 1934, a cátedra de Psicologia do Instituto de Educação Caetano de Campos foi incorporada à Universidade de São Paulo, no curso de Pedagogia. Os professores que a lecionaram inicialmente foram Noemi Silveira Rudolpher e Arrigo Angelini. No ano de 1935 criava-se a cadeira de Psicologia para o curso de Filosofia. Os professores que lecionaram, a cadeira, foram Jean Mangnê, Otto Klinebarg, Annita de Castilho Marcondes Cabral, os mesmos que organizaram a Sociedade de Psicologia de São Paulo. A prática profissional da Psicologia era restrita aos serviços em hospitais e escolas, não havia uma tradição de serviços, e o comportamento humano era estudado por psicólogos em consultórios particulares, com a aplicação de técnicas e métodos individualizados, onde se atendia parcelas da população que econômica e culturalmente se aproximavam mais das populações de outros países, de onde se importavam as técnicas psicológicas.

No ano de 1938, Oswaldo de Barros Santos criou um gabinete de Psicologia na Escola Técnica Getúlio Vargas onde se desenvolvia a orientação profissional no Serviço de Apren

dizagem Industrial, o SENAI.

Na Universidade de São Paulo foram oferecidos cursos de especialização abertos aos licenciados em Pedagogia, na cadeira de Psicologia Educacional. E na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sedes Sapientiae realizavam-se cursos de especialização em Psicologia.

O Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo foi organizado a partir de 1949, com a contratação de Enzo Azzi.

Na década de cinquenta a profissão passava a ter alcance social e surgiam novos serviços de Psicologia Aplicada junto às universidades que criaram institutos que ofereciam serviços psicológicos, bem como eram oficializados cursos de especialização e pós-graduação que procuravam formar especialistas e habilitá-los nas diferentes atuações.

Em 1952, Aníela Meyer Ginsberg era contratada pelo Centro de Orientação Psicológica e Seção de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Faculdade São Bento que no ano seguinte, aceitava para estágio alunos do curso de especialização em Psicologia Educacional da Universidade de São Paulo.

No ano de 1953, Madre Cristina de Sodré Dória iniciava na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sedes Sapientiae o curso de pós-graduação em Psicologia Clínica para graduados em Pedagogia e Filosofia. Realizava-se em Curitiba o I Congresso Brasileiro e Jornadas Latino Americanas de

Psicologia.

Em 1954 criava-se a Associação Brasileira de Psicologia, e o Arquivo Brasileiro de Psicotécnica, presidido por Lourenço Filho, publicava anteprojeto de lei sobre formação e regulamentação da profissão de Psicólogo.

Já em 1956, oficializava-se o curso de pós-graduação em Psicologia Clínica na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sedes Sapientiae e a Clínica Psicológica Sedes Sapientiae. No ano seguinte de 1957, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras São Bento oferecia curso de pós-graduação em Psicologia Clínica e o atendimento psicológico. Foi em 1958 que se apresentava um anteprojeto, e o curso de Psicologia da Universidade de São Paulo iniciava suas atividades.

O ano de 1962 foi muito importante para a Psicologia e sua afirmação no Brasil quando no governo do então presidente da República, Senhor João Goulart, foi regulamentada a profissão de psicólogo pela Lei nº 4.119 de 27-08-1962 que também dispunha sobre os cursos de formação em Psicologia. Em 21-01-1964, o Decreto nº 53.464 regulamentava a Lei nº 4.119.

Tinha início então, uma nova fase para a Psicologia no Brasil, mas essa passagem dos primeiros ensaios ao efetivo exercício profissional se deu do seguinte modo.

O exercício profissional teve início com psicólogos com curso de especialização e mesmo outros profissionais sem formação em Psicologia, que passaram a atuar nos vários

campos ocupando no serviço público cargos de psicólogo, psicologista e psicotécnico. Até então não havia legislação que oferecesse garantia e segurança para o exercício independente da profissão, portanto a mesma era feita através de instituições educacionais, assistenciais, hospitalares ou serviços estatais e para-estatais.

Para a regulamentação da profissão de psicólogo foi feito um movimento pelos profissionais que se empenharam perante o poder Executivo e Legislativo, através das Associações de Psicologia existentes e com o apoio das Universidades, a fim de demonstrar que o desenvolvimento social e as aplicações da Psicologia que se apresentavam na época exigiam uma lei que estabelecesse a formação regular do psicólogo e regulamentasse a atividade profissional. A justificativa empregada apoiava-se na legislação existente que reconhecia, através do poder público, a importância da atuação do psicólogo em setores distintos da saúde e da educação, bem como instalava serviços que se caracterizavam pela assistência psicológica.

No ano de 1962 o Governo Federal reconheceu a necessidade de aprimorar a formação desses profissionais e de restringir abusos eventuais. O reconhecimento foi expresso através da Lei Federal nº 4.119 de 27-08-1962, que dispõe em âmbito nacional sobre a formação em Psicologia e regulamentou a profissão. Assim, os cursos universitários não chegaram a criar um padrão diverso do consumo de conhecimentos transplantados e em função das técnicas.

Porém as faculdades viram-se diante de um problema o da falta de recursos humanos e materiais. Os humanos pela ausência de pessoal com formação prática, já que a Psicologia até o momento era uma disciplina teórica; e materiais pela inexistência de locais onde a Psicologia fosse efetivamente aplicada, onde os alunos pudessem estagiar. O número reduzido de profissionais psicólogos no Brasil, naquela ocasião, levou as faculdades a contratarem profissionais para suprir carências docentes. Portanto, grande parte dos profissionais exercia funções no magistério, mas sem deixar de lado o desempenho da profissão, encontraram oportunidades de trabalho, fora da faculdade, mas que se apresentavam mais vantajosas economicamente³⁷.

A necessidade de formar profissionais que se impôs aos cursos, foi uma das razões que levou o Conselho Federal de Educação a fixar um currículo e diploma polivalentes. O currículo mínimo fixado pelo Conselho Federal de Educação em seu Parecer nº 403 de 1963, ao qual os cursos de bacharelado licenciatura e formação de psicólogo deveriam obedecer, de acordo com o Artigo 10 do Decreto Lei nº 53.464 de 21-01-1964 que regulamentou a Lei Federal, visava a formação de um profissional polivalente. Assim, não ofereceu título especializado nos diversos campos aplicados da Psicologia permitindo que, terminado o curso, o ex-aluno pudesse exer

37. MELLO, S.L. de Psicologia e profissão em São Paulo. 1 ed., 5. impressão. São Paulo. Ática. 1983. p. 42.

cer qualquer atividade ligada à profissão.

Podem ser destacadas as tendências da Psicologia como profissão, não obstante o currículo falasse em três áreas de Psicologia aplicada : clínica, educacional e do trabalho, a dificuldade de promover estágios e a formação dos profissionais existentes, aliada à valorização da Psicologia como profissão liberal, tornou a linha clínica a mais realizável.³⁸

Considerando insuficiente a formação profissional do bacharelado e da licenciatura, o Decreto nº 53.464 de 21-01-1964, previu cinco anos de curso para a obtenção do diploma de psicólogo. E estabeleceu para o funcionamento do curso de formação de psicólogos a obrigatoriedade da organização de serviços clínicos e de aplicação à educação e ao trabalho, orientados e dirigidos pelo conselho de professores do curso, abertos ao público, gratuitos ou remunerados, de acordo com o tipo de formação que pretendessem oferecer.

A legislação, ao determinar requisitos mínimos para a formação do psicólogo, criou condições de maior segurança ao exercício profissional tornando os cursos superiores a única via de acesso ao mesmo. As faculdades, porém encontraram-se com algumas questões de solução difícil. Nos cursos de Psicologia, os alunos encontraram, por um lado, orientação baseada em conceituações teóricas diferentes e

38. Ibidem, p. 44.

não integradas e, que não se aproximavam do conhecimento do homem que vinham buscar, e, por outro lado, técnicas importadas com vistas à aplicação imediata.³⁹

Os professores ligados às universidades pelo regime de dedicação exclusiva não concretizaram o desenvolvimento de uma mentalidade científica e universitária que poderia ter sanado os problemas enfrentados pelos cursos de Psicologia. As pesquisas realizadas ocorreram, na maior parte das vezes, sem uma forma programada e cumulativa, contribuindo pouco para mudanças significativas; a busca de outras fontes de renda decorrente de desajustamentos salariais, ocasionou essa dissonância.

As providências do Ministério da Educação e Cultura relativas à Lei nº 4.119 ao regulamentar a profissão de psicólogo, verificaram que, grande parte das pessoas que pleiteavam o reconhecimento como psicólogos poderia ser considerada como trabalhando na área de Psicologia Clínica.⁴⁰ Antes de 1962, os cursos superiores de Psicologia não eram profissionalizantes, mas mantinham as fórmulas socialmente pobres das profissões liberais, após a regulamentação dos cursos e da profissão, tornaram-se estritamente profissionalizantes, o que valorizou a profissão e eliminou a precariedade na formação dos técnicos, mas isso só se fez possível através de uma adesão indiscriminada aos padrões societários

39. Ibidem, p. 41.

40. Ibidem, p. 41.

de culto ao profissional liberal.

A Psicologia Clínica foi a que ofereceu aos psicólogos a oportunidade de trabalhar de forma autônoma, possibilitando o desenvolvimento da nova profissão liberal e aumentando seu prestígio social, principalmente entre os elementos de classe média, para os quais a aquisição de uma formação universitária e de uma profissão liberal eram sinais de ascensão social. A regulamentação abriu perspectivas de maiores possibilidades de trabalho autônomo comparativamente a outras profissões liberais e ofereceu uma nova opção para os que desejavam fugir de cursos já saturados e mais tradicionais. A profissão mostrou-se atraente para o sexo feminino que, encontrou na mesma condições para o exercício independente e aquisição de conhecimentos que, popularmente eram considerados de auxílio para o exercício das funções de mãe e esposa. Também relacionada à imagem popular da Psicologia a esperança de encontrar, em seus estudos, resolução para problemas pessoais e maior auto-conhecimento a Psicologia atraiu, de modo particular, as adolescentes.⁴¹ Essa tendência ainda se observa atualmente, quando se verifica a listagem dos aprovados no vestibular de Psicologia que evidencia uma maioria feminina.

A reforma universitária - 1966-1969 - foi promulgada no momento em que a pressão social manifestou-se no sen

41. ANGELINI, in LOPEZ, M.A. Avaliação de serviços de psicologia clínica. Tese de mestrado. PUC-SP. 1981.

tido de ampliar os limites demográficos, econômicos e culturais do ensino superior. Apesar dos dispositivos legais que deveriam limitar as escolas isoladas à situação de exceção, estas proliferaram. Para atender à solicitação foi mais fácil expandir a rede de ensino superior mediante a criação de escolas isoladas e particulares, do que por meio da instalação de toda infra-estrutura necessária ao funcionamento de universidades. A aceleração do ritmo de crescimento das escolas assumiu proporções que dificilmente poderiam ser acompanhadas por disponibilidades para a formação de professores. Um estudo realizado pelo Ministério de Educação e Cultura, e noticiado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em 1975 revela que 80% dos professores universitários brasileiros não possuíam qualificação suficiente.⁴²

A última década observou três fenômenos importantes relativos ao ensino superior : 1) sua expansão; 2) a maior expansão do setor privado em detrimento do público; 3) e finalmente expansão da matrícula feminina, que de 41,5% em 1971, já sobrepujava a masculina no meio do decênio.⁴³ A psicologia contribuiu, por sua vez, para que a estrutura da universidade brasileira se configurasse dessa maneira expandindo graças ao setor privado e também à participação da mulher. Assim, no Brasil, os vinte e oito (28) cursos de

42. Ciência e Cultura, 27 (10) 75.

43. DEISO/IBGE, 1979: 325, in ROSEMBERG, F. "Psicologia , profissão feminina". Cadernos de Pesquisa. São Paulo. (47): 32-37. nov. 1983.

Psicologia em 1971, passaram a cinquenta e um (51) em 1977. No Estado de São Paulo existiam cinco (5) cursos particulares e quatro (4) públicos; em 1979 continuavam a existir os mesmos cursos públicos, porém, os particulares passaram a vinte (20).

Por outro lado, a expansão rápida do ensino provocou, inclusive na Psicologia, uma queda do nível cultural dos alunos cuja admissão foi facilitada pela introdução do vestibular classificatório. Na década de 70 a procura do curso de Psicologia, cresceu assumindo proporções acentuadas. No campo do trabalho profissional surgiu grande competição decorrente do aumento de profissionais. Em ambos os processos sobressaíam-se, com mais facilidade, indivíduos de maior poder aquisitivo e provenientes de melhor meio cultural. A cada dia que passa, o cotidiano vem nos mostrando que certas expansões são falaciosas e não atestam melhoria da condição de vida. Para as mulheres que procuravam a psicologia, o diploma universitário significava mais uma chance de serem absorvidas pelo mercado de trabalho, e também significava a manutenção da dicotomização entre carreiras masculinas e femininas.⁴⁴

Em pesquisa sobre a profissão da Psicologia em São Paulo⁴⁵ notou-se uma preferência marcada entre os profissio

44. ROSENBERG, F. "Psicologia, profissão feminina". Cader-
nos de Pesquisa. São Paulo. (47): 32-37. nov. 1983.

45. MELLO, S.L. de Psicologia e profissão em São Paulo. 1
ed., 5. impressão. São Paulo. Ática. 1983. p. 48.

nais pela Psicologia Clínica. Essa preferência pela clínica particular ligou-se, também, à ambiguidade do termo clínica psicológica que permitia fossem rotulados sob o mesmo, atividades e serviços que, por suas características, pertenciam a áreas diversas.

Analizando a formação profissional dos psicólogos, constatou-se mal-estar e inquietação perceptíveis nos alunos do curso de graduação em Psicologia, através de alguns estudos brasileiros como o de Souza e Simão (1976). Atribuiu-se essa inquietação ao nível de consciência ético-social dos alunos, que os levava a indagar do valor do serviço a ser prestado, de acordo com os anos de estudo, qualidade e quantidade dos conhecimentos recebidos. Salientou a relação dessa questão com o problema dos vínculos entre educação e sociedade. Pode concluir que, na medida em que os alunos não eram levados a praticar uma psicologia popular, e a educação e treino recebidos eram pobres em conhecimentos do ambiente onde se exercitavam, a inquietação aumentava, essas dificuldades podem ser explicadas através⁴⁶

"... de uma perspectiva de explicação que localize as instituições de Ensino Superior no meio sôcial em que se desenvolveram, que explicite as expectativas que estão na origem da sua criação e que indique as funções que elas deveriam preencher em nossa sociedade. Em suma, carecemos de uma perspectiva sociológica que equacione o problema do Ensino Superior não só como um pro

46. Ibidem, p. 38, 39.

blema educacional mas como um problema social".

Resultados de uma pesquisa sobre aspirações dos estudantes de psicologia realizada em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife⁴⁷ oferecem dados relativos a essa problemática, pois os estudantes tem interesse vago na Psicologia, girando esse interesse em torno do desejo de conhecer a si mesmo, durante o curso ocorre uma desmistificação dos propósitos ingênuos quanto à escolha da Psicologia, pois o grande número de estudantes que, ao término do curso não conseguem definir as funções do profissional, demonstram mais a própria confusão do que o seu desinteresse pelo exercício da profissão. Outro dado interessante é que grande número dos estudantes não faz seus estudos com fins profissionais, o que concorre para não criar no estudante uma consciência ampla das funções dos profissionais.

A conclusão com base nos dados da pesquisa de Thebaud permitiu constatar ser a psicologia clínica a que centraliza as preferências dos alunos, como perspectiva futura de trabalho, além de revelar pouco interesse pelas outras áreas de aplicação.⁴⁸

É através da Psicologia Clínica que a imagem da

47. THEBAUD, A. "Aspirations des étudiants de psychologie". Rio de Janeiro, mimeo 1969. in MELLO, S.L. de Psicologia e profissão em São Paulo. 1 ed., 5. impressão. São Paulo. Atica. 1983. p. 68 a 71.

48. Ibidem, p. 70.

profissão fica reduzida a uma relação interindividual de ajuda ao outro. Esses dados, no que respeita aos cursos de Psicologia, à atuação dos profissionais e às aspirações dos estudantes, demonstram que⁴⁹

"... o psicólogo não possui uma imagem adequada das suas funções sociais, pois, de fato, elas nem sequer chegam a ser percebidas como funções sociais".

Em pesquisa realizada em 1981 pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos — DIEESE — para caracterizar o perfil do psicólogo no Estado de São Paulo, a área de Clínica é a mais concorrida entre aqueles que trabalham em uma única área, concentrando mais do que a quarta parte dos casos. A segunda área mais concorrida é a de Psicologia Industrial. Nas áreas de Ensino da Psicologia, Psicologia Escolar e Psicologia Comunitária ou Social as porcentagens de psicólogos dedicados exclusivamente a elas são bastante reduzidas. Não há ninguém que se dedique integralmente à pesquisa psicológica. Essas atividades dos profissionais são assim entendidas:⁵⁰

"ENSINO - incluem-se nesta área de trabalho todas as atividades docentes e de pesquisa dos psicólogos, inclusive as atividades de supervisão e treinamento de alunos.

49. MELLO, S.L. de Psicologia e Profissão em São Paulo. 1 ed., 5. impressão. São Paulo. Ática. 1983. p. 71.

50. Ibidem, p. 17, 18.

PSICOLOGIA CLÍNICA - incluem-se nesta área de trabalho todas as atividades de diagnóstico e de terapia dos psicólogos, quando realizadas em clínicas e consultórios particulares, hospitais, serviços públicos e assistenciais.

PSICOLOGIA ESCOLAR - incluem-se nesta área de trabalho todas as atividades dos psicólogos que, realizadas em escolas ou em instituições vinculadas a elas, visam a utilização das técnicas psicológicas, com finalidade de promover a eficiência do ensino em todos os seus aspectos.

PSICOLOGIA INDUSTRIAL - incluem-se nesta área de trabalho todas as atividades dos psicólogos que, realizadas em empresas industriais, comerciais ou em outras instituições, visam aplicar as técnicas psicológicas a fim de promover a eficiência e a produtividade no trabalho".

A preferência do psicólogo por um determinado tipo de atuação profissional - Psicologia Clínica - é decorrente da similaridade que ela evoca com a figura do médico, padrão incondicional de profissional liberal bem sucedido. Mello⁵¹ afirma que

"... a promoção de uma tal imagem não favorece o psicólogo mas, na ausência de uma tradição de serviços prestados à comunidade, o patrocínio indiscriminado e acrítico dessa imagem é particularmente nocivo, não só ao psicólogo profissional, como à própria Psicologia".

A mesma autora apresenta três razões para justificar essa afirmação:⁵² 1) a Psicologia não é um ramo da Medicina e o psicólogo não é um médico, portanto é profissional empenhado na solução de problemas afetos ao comportamento humano; 2)

51. Ibidem, p. 71.

52. Ibidem, p. 71 e 72.

o prestígio e o respeito público da Psicologia deve advir e ser conquistado pela afirmação da competência própria do psicólogo, no seu exercício profissional; 3) ao nível das relações públicas o psicólogo não deve cultivar a rivalidade profissional.

3.4 O PSICÓLOGO

Ao considerarmos o que é uma profissão devemos partir da definição. Hickson e Thomas (1969)⁵³ levantaram vinte (20) definições que submetidas à análise fatorial permitiram extrair quatorze (14) fatores reunidos pelos seguintes critérios: 1) substantivos, implicando em habilidades adquiridas tendo por base conhecimentos teóricos requisitos e treino educacional; 2) normativos, implicando em prestação de serviços seguindo um código de conduta; 3) relacionais, que dizem respeito às relações entre os elementos do grupo e destes com aqueles aos quais presta serviço; e 4) organizacionais, referentes ao estabelecimento de sociedades profissionais, licença para funcionamento.

Peterson (1976)⁵⁴ refere-se a um conceito de pro

53. HICKSON e THOMAS in WITTER, G.P. O psicólogo escolar: pesquisa e ensino. Tese de livre docência. USP. Instituto de Psicologia. 1977.

54. PETERSON in WITTER, G.P. O psicólogo escolar: pesquisa e ensino. Tese de livre docência. USP. Instituto de Psicologia. 1977.

fissão enunciado por Flexner em 1915, cujas condições a se rem preenchidas são as seguintes: a) os objetivos do trabalho profissional são definidos e práticos; b) as técnicas para alcançar estes objetivos são educacionalmente comunicáveis; c) as aplicações destas técnicas implicam em operações essencialmente intelectuais, e na seleção das mais adequadas para atender aos problemas individuais; d) as técnicas estão relacionadas a um conhecimento sistemático que pela sua amplitude e complexidade se torna inacessível ao leigo; e) os membros da profissão se organizam em grupos e sociedades cuja inclusão ou exclusão é feita com base na competência; f) os alvos destas organizações profissionais visam, antes de tudo, o estabelecimento de um código de ética pelo qual pautar a ação de seus membros e a determinação de meios para legitimar a prática da profissão.

Witter (1977) comentando esses itens, diz que alguns são plenamente alcançados pela Psicologia e que não há discussão entre psicólogos, como no item a por exemplo. Já, para o item b não há o mesmo acordo entre psicólogos que trabalham em modelos distintos, alguns modelos alegam que as técnicas por eles utilizadas não são ensináveis a qualquer universitário, e que para usá-las é preciso ter determinadas características ou traços de personalidade os quais não são academicamente aprendidos. As divergências são mais questão do grau em que estes itens satisfazem o critério do que negação pura e simples.

No entanto, quer estas condições sejam ou não sa tisfeitas plenamente, nenhuma atividade, hoje, pode ser defi nida como profissão se não houver condições legais asseguran do-lhe este " status ". A mera existência de bases legais não é suficiente para garantir a concepção de profissão, mas é condição suficiente para o exercício, ainda que não a ní vel satisfatório, pois as condições necessárias são garantia do desenvolvimento técnico-científico da profissão, sendo responsabilidade de todos os profissionais.

No Brasil, quanto à legislação, depois de uma luta de vários anos em que muitos psicólogos e sociedades se empe nharam, foi conseguida uma situação legal que é suficiente para permitir dizer que se trata de uma profissão. As prin cipais Leis relativas à profissão do Psicólogo no Brasil são: Lei nº 4.119 de 27-08-1962 que dispõe sobre os cursos de for mação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo, e a Lei nº 5.766 de 20-12-1971 que cria o Conselho Federal e Conselhos Regionais de Psicologia e dá outras providências⁵⁵

A Lei nº 4.119 no Capítulo II, dos direitos confe ridos aos diplomados, Art. 11 diz

"ao portador do diploma de Bacharel em Psicolo gia, é conferido o direito de ensinar Psicologia em cursos de grau médio, nos termos da legisla ção em vigor".

55. ambas as leis são do Conselho Federal de Educação.

No seu Art. 12 diz

"ao portador do diploma de Licenciado em Psicologia é conferido o direito de lecionar Psicologia atendidas as exigências legais devidas".

No seu Art. 13 diz

"ao portador do diploma de Psicólogo, é conferido o direito de ensinar Psicologia nos vários cursos de que trata esta lei, observadas as exigências legais específicas, e a exercer a profissão de Psicólogo".

O Decreto nº 5.464, no Título I, do exercício profissional, Art. 4º diz

"São funções do psicólogo:

- 1 . utilizar métodos e técnicas psicológicas com o objetivo de :

 - a. diagnóstico psicológico;*
 - b. orientação e seleção profissional;*
 - c. orientação psicopedagógica;*
 - d. solução de problemas de ajustamento.**
- 2 . dirigir serviços de psicologia em órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, para estatais, de economia mista e particulares.*
- 3 . ensinar as cadeiras ou disciplinas de psicologia nos vários níveis de ensino, observadas as demais exigências da legislação em vigor.*
- 4 . supervisionar profissionais e alunos em trabalhos teóricos e práticos de psicologia.*
- 5 . assessorar, tecnicamente, órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, para estatais de economia mista e particulares.*
- 6 . realizar perícias e emitir pareceres sobre a matéria de psicologia".*

As funções profissionais atribuídas aos que cursaram o curso de Psicologia - Licenciatura e Formação de Psicó

logos - referem-se a duas habilitações distintas : a de Professor de Psicologia e a de Psicólogo.

No Brasil, o currículo mínimo de Psicologia foi fixado oficialmente pelo Parecer 403/63 do Conselho Federal de Educação, visando os direitos de exercício profissional, a-través de qualificação intelectual e de prestígio social nos mistares do trabalho psicológico de modo eficaz e com plena responsabilidade. O currículo estabelece um conjunto de matérias comuns, que correspondem ao mínimo exigido para o bacharelado e a licenciatura, e as matérias específicas para a preparação do psicólogo. A parte que cabe à formação do psicólogo, compreende duas matérias fixas - Técnicas de Exame e Aconselhamento Psicológico e a Ética Profissional - e uma variável, além de estágio supervisionado e de todas as disciplinas destinadas ao núcleo comum. Das duas disciplinas fixas, a primeira delas⁵⁶

"... identifica-se com o trabalho mesmo do psicólogo, expresso na análise e solução dos problemas individuais e sociais, enquanto a segunda flui da natureza desse trabalho, que tem profundas implicações éticas, por desenvolver-se num plano de relações interpessoais e atingir, não raro, as esferas mais profundas da personalidade - de".

Ainda com referência à formação do psicólogo, as matérias variáveis, em número de três, permitirão ao estabe

56. Parecer nº 403/63 do Conselho Federal de Educação.

lecimento diversificar a formação profissional, conforme as suas possibilidades e as necessidades do meio, para atender às características próprias da atividade do psicólogo na escola, na empresa, na clínica e onde quer que a sua presença seja reclamada. A lista apresentada para escolha inclui as disciplinas : Psicologia do Excepcional, Dinâmica de Grupo e Relações Humanas, Pedagogia Terapêutica, Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem, Teorias e Técnicas Psicoterápicas, Seleção e Orientação Profissional e Psicologia da Indústria. O referido Parecer, quanto ao estágio supervisionado diz que⁵⁷

"o trabalho do Psicólogo é sempre, no fundo, uma tarefa de educação ou reeducação que se vale de técnicas próprias cujo domínio é impossível sem o devido treinamento prático. Assim, tal como ocorre no ensino médico e agora se exige para qualquer modalidade de licenciatura, a sua formação teórico experimental terá de completar-se com um estágio que se desenvolva em situação real - ao longo de pelo menos 500 horas de atividades - e obedeça à imediata supervisão dos órgãos por ela responsáveis".

*"Uma profissão se define através da atuação dos profissionais ao nível do social".*⁵⁸ O surgimento de uma nova profissão é uma consequência da maturidade dos conhecimentos que lhe dão origem, e da definição de situações problemáticas para as quais se procure solução. Em relação à Psicologia

57. Ibidem

58. MELLO, S.L. de Psicologia e profissão em São Paulo. 1 ed., 5. impressão. São Paulo. Ática. 1983. p. 12.

gia, a fase que antecede o estabelecimento da profissão compreende o período em que não há consciência do problema, pois o momento que antecedeu o advento da profissão era aquele em que⁵⁹

"as situações indesejáveis ou frustradoras são vistas como males em relação aos quais os seres humanos pouco ou nada podem fazer, e não como problemas sociais a serem enfrentados ou resolvidos a curto ou longo termo".

O comportamento do homem foi explicado ao longo dos séculos pelas explicações teológicas e mágicas, para poder ser objeto de conhecimento científico, e que o próprio conhecimento — ciência — desse origem a uma tecnologia suscetível de aplicação, foi necessário que se operassem mudanças nas condições sócio-culturais do grupo. Num país como o nosso, onde o processo de evolução da sociedade é lento, não pode haver consciência dos problemas com os quais a Psicologia vai lidar.

As funções do psicólogo são eminentemente sociais, e ele as executa como e enquanto um representante da ciência. O campo em que atua não permite práticas pré ou anti-científicas e o conhecimento do senso comum, é necessário que o próprio psicólogo possua uma imagem adequada das funções sociais da profissão, e que os seus serviços possam ser dispensados a uma faixa tão ampla quanto possível da população, ou, que o seu conhecimento e suas técnicas possam ser utilizadas na so

59. Ibidem, p. 32.

lução de uma grande variedade de problemas que afetam a um grande número de pessoas, em situações variadas.

A Psicologia é, e deve ser, muito mais do que uma atividade de luxo dirigida apenas às neuroses sexuais dos modernos vitorianos ou às neuroses existenciais dos afluentes. A atenção de clínicos vem sendo concentrada para os contextos social, econômico, cultural, político e histórico que engendram os problemas individuais. As fontes de conflito na comunidade, no país e no mundo, foram sendo gradativamente incorporadas aos conceitos psicológicos, e a colocação da responsabilidade da sociedade na criação e manutenção dos padrões de conduta, que ela mesma rotulou de patológicos e desviantes.

Mello⁶⁰ diz que

"estamos vivendo a prē-história da aplicação das técnicas psicológicas".

A Psicologia dos psicólogos traduz um conteúdo ideológico individualista e despreocupado com as instituições sociais, ela é uma autêntica ciência, e não uma técnica para solucionar os problemas íntimos dos privilegiados, e o benefício das soluções que ela propõe, e das técnicas que criou deve ser estendido ao maior número de pessoas, pois seu valor é de instrumento de modificação social.

A prática renovada, a começar pela formação que os

60. Ibidem, p. 112, 113.

profissionais recebem, não se trata de tarefa simples, mas tarefa urgente.

3.5 O PROFESSOR DE PSICOLOGIA

A prática docente nos cursos superiores de licenciatura, no Brasil,⁶¹ obedeceu a três períodos distintos, quais sejam : o primeiro de 1930 a 1946, período inicial de formação de professores em nível superior, no qual a prática docente ainda não fora instituída por Lei; o segundo de 1946 a 1962, período em que a prática docente dos licenciados foi regulamentada por Lei, devendo ser desenvolvida nos Ginásios de Aplicação, anexos às Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, através do Decreto Lei nº 9053 de 12-03-1946; o terceiro de 1962 até hoje, período atual, iniciado com a determinação legal de que a Prática de Ensino passou a realizar-se sob a forma de Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade, pelo Parecer nº 292/62 de 14-11-1962 do Conselho Federal de Educação e Resolução anexa.

O Parecer nº 292/62 do Conselho Federal de Educação além de ser o primeiro documento oficial sobre a inclusão obrigatória da Prática de Ensino no currículo dos cursos de licenciatura, constitui-se ainda hoje, no referencial legislativi

61. FRACALANZA, D.C. A prática de ensino nos cursos supe
riores de licenciatura no Brasil. Tese de mestrado.
UNICAMP. Faculdade de Educação. 1982.

vo básico sobre a formação pedagógica do licenciado. As de terminações nele contidas constituem-se, de fato, na primeira exigência oficial de uma Prática de Ensino na formação de professores secundários.

A Licenciatura plena do curso de Psicologia oferece habilitação ao exercício do magistério, no ensino de segundo grau, conforme Portaria Ministerial nº 790 de 22-10-1976.

Com referência à Psicologia, o Parecer nº 403/63 do Conselho Federal de Educação fixa o currículo mínimo para a licenciatura, abrangendo um conjunto de matérias comuns, envolvendo conhecimentos instrumentais - Fisiologia, Estatística - e os conhecimentos de Psicologia sem os quais ficaria comprometida uma adequada formação profissional, de acordo com o Parecer nº 28/62 do Conselho Federal de Educação. As matérias são: Psicologia Geral e Experimental, Psicologia da Personalidade, Psicologia Social e Psicopatologia Geral. E, ainda as matérias obrigatórias chamadas de pedagógicas, a que se refere o Parecer nº 292/62 do Conselho Federal de Educação. A Resolução anexa ao referido Parecer, em seu Art. 2º, alínea a diz:

"para obtenção do diploma que habilita ao exercício de magistério em cursos de nível médio, as matérias pedagógicas fixadas em Resolução especial, de acordo com o Parecer nº 292/62, das quais se exclui a Psicologia da Educação".

como obrigatoriedade no currículo mínimo de licenciatura em Psicologia.

Ainda reforçando a formação profissional dos licenciados, a Resolução nº 2 de 12-05-1969 em seu Art. 6º afirma que:

"será sempre obrigatória, sob a forma de Estágio Supervisionado, a prática das atividades correspondentes às várias habilitações, abrangendo pelo menos cinco por cento da duração fixada para o curso em cada caso".

Através do Parecer nº 672/69 do Conselho Federal de Educação, a disciplina de Prática de Ensino é a que fornece subsídios para a formação docente na Universidade, organizada sob a forma de estágio supervisionado junto às escolas da comunidade.

Quanto à atividade profissional de ensino de Psicologia sabemos que tem sido pouca a dedicação do psicólogo ao ensino da Psicologia no segundo grau, quer seja por razões de falta de "status", ou por ser esse campo comumente ocupado por profissionais de outra área - Pedagogia. Mello⁶² em pesquisa realizada, procedeu a um levantamento das ocupações dos psicólogos diplomados até 1970 pelos cursos de graduação existentes na cidade de São Paulo. Os resultados indicaram a seguinte distribuição por áreas de trabalho : 51% clínica, 26% ensino, 13% industrial e 10% escolar, sendo portanto restrito o número de profissionais que se dedica ao ensino. Outra pesquisa da mesma natureza, realizada em 1981 pelo Departamento

62. MELLO, S.L. de Psicologia e profissão em São Paulo. 1 ed., 5. impressão. São Paulo. Ática. 1983. p. 21.

Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos⁶³ junto aos psicólogos do Estado de São Paulo apresentou os seguintes resultados : 27,5% clínica, 26,3% outras combinações, 22,7% fora da Psicologia, 15,0% organizacional, 4,6% escolar, 3,3% ensino de Psicologia, 0,6% comunitária social, e nenhum à pesquisa em Psicologia. O ensino de Psicologia, enquanto a atividade profissional do professor de Psicologia, não vem especificado se ocorre no segundo grau e/ou nas universidades, embora observe-se que o psicólogo não o tenha valorizado, e até apresente um desconhecimento de suas funções docentes.

Assim como para o psicólogo há uma precária definição de seu perfil social e profissional, para o professor de Psicologia o mesmo ocorre. Oliveira e Manzolli (1981)⁶⁴ afirmam que

"não há um consenso entre os que atuam nesta área sobre em que se constitui o treino prático em ensino, seus objetivos e como organizar o estágio e a referida supervisão. Muitos programas de Prática de Ensino carecem de dois tipos de referenciais teóricos: um que explicita a proposta de desempenho docente apresentada como desejável para a interação entre professor e alunos, e que deve ser aprendida pelos futuros professores, e o referencial que aponte os fundamentos do processo de a-

63. Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo. O perfil do psicólogo no Estado de São Paulo. Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo. Conselho Regional de Psicologia - 6.^a Região. São Paulo. Cortez. 1984. p. 46

64. OLIVEIRA, Z.M.R. e MANZOLLI, M.C. "Supervisão de estágio de regência em prática de ensino através de técnicas de 'role playing'". Cadernos de pesquisa. São Paulo. (38): 14-25. Ago. 1981. p. 14.

prendizado para ser professor. Os referenciais devem apontar então 'o que é ser professor' e 'como aprender a ser professor'".

A natureza interdisciplinar das Práticas de Ensino exige que⁶⁵

"... para definirmos os programas da Prática de Ensino, torna-se imprescindível a investigação do modelo teórico ditado pela unidade de ensino de ..., o qual fundamentará o treinamento prático (estágio docente)".

no entanto, deve haver ligação entre os interesses das instituições universitárias e as escolas de segundo grau.

Na formação do professor de Psicologia, o vínculo entre a Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade com a área que a qualifica e lhe fornece a característica de busca do "modus fasciendi", no processo de transmissão do conteúdo específico, fornece os elementos que permitem perceber a fragmentação na formação dos futuros professores. A disciplina de Prática de Ensino⁶⁶

"... deve ser estruturada tendo em vista investigar e desenvolver um programa que privilegie a vivência concreta do 'ser professor'. Para tanto deve, necessariamente, reunir-se as disciplinas pedagógicas em um projeto que vise a uma maior adequação dos cursos de Licenciatura às necessidades ditadas pela realidade concreta".

65. BARBIERI, M.R. e outros. "Doze anos de prática de ensino". Educação e Sociedade. CEDES 18. Ago. 1984: 144-152

66. Ibidem, p. 151.

O momento específico da Prática de Ensino de Psicologia no currículo do curso de Licenciatura em Psicologia corresponde a uma integração entre a formação geral, a formação especial e a formação pedagógica.

No próximo capítulo vamos nos remeter aos procedimentos metodológicos adotados para analisar as percepções dos sujeitos quanto ao futuro papel a ser exercido, no momento em que estavam saindo do curso de Licenciatura em Psicologia, e também para uma reflexão sobre a formação de recursos humanos em Psicologia, e seu perfil profissional.

CAPÍTULO IV

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 POPULAÇÃO EM ESTUDO

O universo desta pesquisa corresponde à totalidade dos sujeitos matriculados na disciplina Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade nos anos de 1982 e 1983, no curso de Psicologia-Licenciatura do Centro Universitário de Corumbá, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que totalizou dezessete sujeitos, sendo sete de 1982 e dez de 1983.

4.2 INSTRUMENTO

Com a finalidade de analisar as percepções dos alunos, que estavam saindo do curso de Psicologia-Licenciatura, quanto ao futuro papel que pretendem desempenhar, e para delinear possíveis pontos de reflexão sobre a formação de recursos humanos na área da Psicologia e seu perfil, elaborou-se um QUESTIONÁRIO (Apêndice A), composto de duas partes.

A primeira composta de dez questões em aberto, que

forneceram os dados pessoais de identificação quanto à idade, sexo, estado civil, curso de segundo grau já realizado e local, tipo de trabalho que executa e sua carga horária.

A segunda parte composta de cinco questões abertas permitiram a expressão escrita de conteúdo manifesto a respeito do papel de professor, de psicólogo, o papel da Psicologia na formação do professor, conceito de educar e de en-sinar.

4.3 APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO

A coleta de dados foi realizada em março de 1982 e em março de 1983, quando então foram aplicados os QUESTIONÁRIOS em todos os sujeitos matriculados na referida disciplina, de acordo com dados fornecidos pela listagem emitida pela Secretaria do Centro Universitário de Corumbá, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

As instruções foram dadas antes da aplicação dos Questionários, no primeiro dia de aula, tão logo foram feitas as apresentações iniciais entre professor e alunos, e apresentados alguns dos objetivos gerais a serem desenvolvidos na disciplina Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade.

4.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de conteúdo foi adotada visando a descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto, através da fala dos sujeitos. Tornou-se possível, na medida em que havia um universo comum de discurso entre as partes envolvidas.⁶⁷

O conteúdo manifesto abrangeu várias asserções sobre o tema proposto e permitiu detectar valores, crenças e atitudes e opiniões dos sujeitos sobre ser professor e ser psicólogo.

O conteúdo manifesto também abrangeu as opiniões dos sujeitos sobre o papel da Psicologia na formação do professor e o que é educar e o que é ensinar.

Num primeiro momento, registrou-se todas as asserções dos sujeitos acerca de cada tema proposto e posteriormente foram agrupadas em categorias mais amplas.

A análise final é feita a partir do conteúdo manifesto nas falas dos sujeitos. Inicialmente registrou-se as respostas textuais dos sujeitos, e num segundo momento foram agrupados em fatores que determinam as percepções dos sujeitos, para então serem aglutinados em categorias.

Os temas ser professor, o papel da Psicologia na formação do professor, o que é educar e ensinar e ser psicólogo

67. BERELSON, B. "Content analysis in communication research". Hartner publ. company. New York. 1971 (2.^a ed) in FRANCO, M.L.P.B. Análise de conteúdo. Seminário metodológico. texto mimeo. 1980.

logo permitiram analisar as percepções dos sujeitos acerca dos mesmos, revelando suas expectativas, crenças e valores.

A análise final é feita a partir do conteúdo manifesto das respostas textuais dos sujeitos, que foram agrupadas em fatores determinantes, e em categorias representativa até se obter os indicadores das percepções dos sujeitos sobre os temas.

CAPÍTULO V

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Os sujeitos eram alunos da disciplina Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade oferecida nos primeiro e segundo semestres letivos do curso de Psicologia - Licenciatura do Centro Universitário de Corumbá, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que a frequentaram em 1982 e 1983. O número total de alunos é pequeno, embora corresponda ao total da população em questão. Durante o ano de 1982 eram oito alunos matriculados, mas um desistiu, portanto sete sujeitos responderam ao Questionário; em 1983 eram onze alunos matriculados e um desistiu, portanto eram dez sujeitos. No total eram dezesseis os sujeitos respondentes ao Questionário composto de duas partes. A parte I colheu dados referentes à identificação; a parte II colheu dados quanto à percepção dos sujeitos em relação a ser Professor de Psicologia e ser Psicólogo.

Tabelas de Caracterização dos Sujeitos

TABELA 1.1 - DADOS PESSOAIS DE IDENTIFICAÇÃO

Dados Obtidos	1982	1983	Total
Número de sujeitos	07	10	17
Ano de nascimento	44/60	47/60	44/60
Idade	22-38	23-36	22-38
Sexo masculino	03	01	04
Sexo feminino	04	09	13
Estado civil casado	01	06	07
Estado civil solteiro	06	04	10

TABELA 1.2 - PROCEDÊNCIA DOS ESTUDOS DE 2º GRAU

	1982	1983	Total
Bolívia - Cochabamba	01	--	01
Brasil - Mato Grosso do Sul	05	06	11
Brasil - São Paulo	01	02	03
Brasil - Rio de Janeiro	--	01	01
Brasil - Pará	--	02	02

TABELA 1.3 - CURSOS REALIZADOS NO 2º GRAU

Cursos de:	1982	1983	Total
Magistério	01	05	06
Científico	01	02	03
Colegial	01	01	02
"Bacharelato"	01	--	01
Química	01	--	01
Análises Clínicas	01	--	01
Técnico em Contabilidade	01	01	02
Ciências Biológicas	--	01	01

TABELA 1.4 - SITUAÇÃO DE TRABALHO

	1982	1983	Total
Trabalham	03	08	11
Não trabalham	04	02	06

TABELA 1.5 - ATIVIDADES DESEMPENHADAS

	1982	1983	Total
Professores	02	04	06
No lar	--	02	02
Comércio	01	--	01
Jornalista	--	01	01
Administração	--	01	01

Quanto ao ano de nascimento, os sujeitos de 1982 variavam na idade, entre os 22 e os 38 anos, isto é, entre 1944 e 1960. Os de 1983 apresentavam variação entre os 23 e os 36 anos, ou, entre 1947 e 1960. No total, as idades variavam entre os 22 e os 38 anos, ou entre 1944 e 1960.

Quanto ao sexo eram treze sujeitos do sexo feminino, e quatro do sexo masculino, assim distribuídos : em 1982 quatro dos sujeitos eram do sexo feminino e três sujeitos do sexo masculino; em 1983, nove eram femininos e um do sexo masculino.

Quanto ao estado civil, sete eram casados e dez eram solteiros. Apenas um sujeito de 1982 era casado e com

quatro filhos. Dos de 1983, seis eram casados com o número de filhos variando entre zero e três, assim distribuídos: um sujeito não tinha filhos, um sujeito tinha um filho, um sujeito tinha dois filhos e três sujeitos tinham três filhos.

Quanto à realização dos estudos de segundo grau, seis sujeitos cursaram o magistério, três o científico, dois o colegial, um o "bacharelato", um a química, um análises clínicas, dois técnico em contabilidade, um ciências biológicas. Em 1982, um cursou o magistério, um o "bacharelato", um o técnico em contabilidade, um química, um colegial, um científico e um análises clínicas. Dos sujeitos de 1983, cinco cursaram o magistério, dois o científico, um ciências biológicas, um técnico em contabilidade e um colegial.

Os cursos foram realizados nos seguintes locais : no total da população a maioria realizou seus estudos no Brasil distribuídos entre os estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo, Pará e Rio de Janeiro; e uma minoria inexpressiva realizou seus estudos na Bolívia, em Cochabamba. Dos sujeitos de 1982, um realizou seus estudos na Bolívia, na cidade de Cochabamba, os outros seis sujeitos realizaram seus estudos no Brasil, sendo cinco no estado de Mato Grosso do Sul, distribuídos assim : um em Campo Grande e quatro em Corumbá, e um no estado de São Paulo, na cidade de Araçatuba. Dos sujeitos de 1983 todos realizaram seus estudos no Brasil, sendo que seis no estado de Mato Grosso do Sul e todos em Corumbá, dois no estado do Pará, na cidade de Belém, um no es

tado do Rio de Janeiro, na cidade de Petrópolis e dois no estado de São Paulo, nas cidades de Ribeirão Preto e de Campinas.

Quanto à situação de trabalho, onze sujeitos trabalhavam e seis deles não trabalhavam. Em 1982, três trabalhavam e quatro não trabalhavam. Em 1983, oito dos sujeitos trabalhavam e dois deles não trabalhavam.

Quanto às atividades que desempenhavam : seis eram professores de primeiro e de segundo grau e dois deles lecionavam Psicologia no segundo grau, dois trabalhavam no lar, um deles era jornalista, um era do comércio e um trabalhava em administração de órgão público. Dos sujeitos de 1982, dois eram professores e um trabalhava no comércio. Dos sujeitos de 1983, quatro eram professores, dois trabalhavam no lar, um era jornalista e um trabalhava em administração de órgão público.

A utilização do produto do trabalho destinava-se às despesas da casa, manutenção pessoal, compra de instrumentos de conhecimento e informação, não havendo diferença entre as respostas dos sujeitos de 1982 e de 1983.

Quanto à carga horária de trabalho não foi possível precisar a informação, por terem sido inconsistentes as respostas dadas.

5.2 CATEGORIAS REPRESENTATIVAS DA PERCEPÇÃO DOS

SUJEITOS

As percepções dos sujeitos transcritas no conteúdo da comunicação veiculada pelos instrumentos, constituem os Apêndices B, C, F e G.

A partir desta primeira descrição fornecida pelos sujeitos, procedeu-se à identificação de fatores determinantes desta percepção. Este resultado constitui os Apêndices D, E, H e I.

Então agrupados em categorias mais abrangentes, os dados da percepção dos sujeitos podem ser melhor visualizados nos Quadros I e II, a seguir.

Com base nas categorias relativas à percepção do papel de psicólogo e de professor, pode-se concluir que os seguintes indicadores podem ser evidenciados, a partir das percepções dos sujeitos de 1982 e de 1983 :

a) ser psicólogo

- a.1) é alguém que se conhece e conhece os outros;
- a.2) é alguém que se ajuda e ajuda os outros;
- a.3) é alguém com bom preparo intelectual e maturidade emocional;
- a.4) é alguém que é mais do que um ser humano comum.

b) ser professor

- b.1) é alguém que educa e ensina;

QUADRO I
CATEGORIAS RELATIVAS À PERCEPÇÃO DO PAPEL DE PSICÓLOGO E DE PROFESSOR

	1 9 8 2	1 9 8 3
P S I C Ó L O G O S E R	<ol style="list-style-type: none"> 1. alguém equilibrado e maduro que conhece a si próprio e superou seus próprios problemas; 2. alguém que compreende e ajuda os outros; 3. alguém conhecedor do comportamento humano; 4. alguém que é mais do que um ser humano comum 5. alguém com bom preparo intelectual e maturidade emocional; 6. alguém responsável pela saúde mental de si e dos outros. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. alguém que compreende e orienta as pessoas a viver melhor; 2. alguém que ajuda a si mesmo; 3. alguém profissional habilitado que analisa os problemas humanos; 4. alguém que sabe a essência da vida; 5. alguém que compreende e ajuda as pessoas.
P R O F E S S O R S E R	<ol style="list-style-type: none"> 1. alguém que ensina e orienta o aluno na sua vida acadêmica; 2. alguém que possui amplos conhecimentos sobre uma disciplina; 3. alguém que transmite conhecimentos, não apenas na sala de aula; 4. alguém humano que orienta nos problemas da vida; 5. alguém marcante na vida do aluno; 6. alguém que exerce um trabalho que exige responsabilidade; 7. alguém que é educador, é mestre, é amigo que ensina e orienta. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. alguém amigo dos alunos; 2. alguém que educa e ensina; 3. alguém que transmite conhecimentos; 4. alguém integrante de seu meio; 5. alguém experiente que já percorreu o caminho e ensina a estrada; 6. alguém que se relaciona bem com os alunos, pois sabe ouvir e trocar idéias; 7. alguém que exerce tarefa de responsabilidade; 8. alguém como as outras pessoas, com defeitos, valores, mas integrante de seu meio.

QUADRO II

CATEGORIAS RELATIVAS À PERCEPÇÃO DO PAPEL DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO
DO PROFESSOR E, EDUCAR E ENSINAR

	1 9 8 2	1 9 8 3
P C F A O O P L R E O M. L G D D I O A A P P N R S A O I F.	<ol style="list-style-type: none"> 1. papel importante na relação professor x aluno influenciando a aprendizagem; 2. papel significativo no fornecer dados ao professor para formar pessoas; 3. papel de capacitar a entender a diversidade de comportamentos dos alunos; 4. papel de nortear o trabalho com pessoas; 5. papel de mostrar que o professor é agente de integração, nas relações humanas; 6. papel de fornecer conhecimentos bio-psico-sociais que interferem na aprendizagem. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. papel de compreender comportamentos inadequados dos alunos; 2. papel de ver o aluno como pessoa, compreendendo, ajudando e resolvendo os problemas; 3. papel de melhorar o relacionamento e a compreensão dos alunos nas suas individualidades e suas fases; 4. papel de relacionar a teoria com a prática; 5. papel de técnica de ensino para os professores competentes.
E E D N U S C I A N R A R E	<ol style="list-style-type: none"> 1. educar é modificar algo nas pessoas, e ensinar é transmitir; 2. educar é ensinar, é transmitir; 3. educar é instruir para a vida em sociedade, e ensinar é transmitir; 4. educar é ajudar a encontrar o caminho, e ensinar é transmitir informações; 5. educar é fazer pessoas apreenderem a lidar com o ambiente de maneira satisfatória, e ensinar...; 6. educar é orientar para a melhor maneira de se relacionar, é formar alguém, e ensinar é transmitir conhecimentos específicos. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. educar é dar condições para formar a personalidade, ensinar é transmitir; 2. educar é orientar para a vida e mostrar que pode caminhar sozinho, e ensinar é transmitir; 3. educar é transmitir novos modos de comportamento de acordo com a cultura, e ensinar é transmitir conhecimentos; 4. educar é ajudar os outros a se sentirem felizes, e ensinar é transmitir; 5. educar é transmitir segurança, amor, compreensão, e ensinar é transmitir; 6. educar exige um certo treinamento já adquirido, ensinar é desenvolver habilidades.

- b.2) é alguém que orienta nos problemas da vida;
- b.3) é alguém com amplos conhecimentos sobre uma disciplina;
- b.4) é alguém experiente e que já percorreu o caminho e ensina a estrada;
- b.5) é alguém amigo dos alunos;
- b.6) é alguém que se relaciona bem com os alunos, pois sabe ouvir e trocar idéias.

Com base nas categorias relativas à percepção do papel da Psicologia na formação do professor e, do que é educar e do que é ensinar, pode-se concluir que os seguintes indicadores podem ser evidenciados, a partir das percepções dos sujeitos de 1982 e de 1983 :

- c) o papel da Psicologia na formação do professor
 - c.1) papel de ajudar nas relações humanas, principalmente no relacionamento professor x aluno, influenciando na aprendizagem;
 - c.2) papel de capacitar a entender a diversidade e a individualidade dos comportamentos dos alunos;
 - c.3) papel de compreender os alunos;
 - c.4) papel de facilitar o convívio com os alunos.
- d) o que é educar, e o que é ensinar
 - d.1) educar é formar a personalidade, e ensinar

é transmitir conhecimentos;

d.2) educar é modelar o comportamento social e ensinar é transmitir conhecimentos;

d.3) educar é orientar, preparar para a vida, e ensinar é transmitir conhecimentos;

d.4) educar é transmitir segurança, amor, compreensão, e ensinar é transmitir conheci-mentos.

5.3 DISCUSSÃO

Pela análise e discussão dos dados obtidos através da análise qualitativa dos conteúdos manifestos quanto à percepção dos sujeitos quanto ao que é ser psicólogo, podemos afirmar que percebem o papel desse profissional como acima dos limites do ser humano comum. Os indicadores dessa mensagem referem-se ao equilíbrio, à maturidade, ao auto-conhecimento e à capacidade de ajuda. Sabemos que a contradição da vida humana não permite que esse tipo de pessoa exista, pois corresponderia a um ser em " completa felicidade " e em completo estado de maturidade, e sabemos que em realidade, o ser humano é inacabado, que está em constante busca, é criativo e está se modificando, se construindo num movimento contínuo, dentro de suas contradições.

Essa percepção dos alunos sobre um profissional e-quilibrado, reflete as expectativas de adaptação, de manuten

ção do " status quo " que o aluno tem, quanto ao futuro papel que irá desempenhar. Demonstra a ausência de crítica de e conformidade diante do já estabelecido.

Por outro lado reconhecem, ser importante o conhecimento acadêmico para a competência profissional, embora pareça que esse conhecimento esteja apenas no domínio do técnico, esquecendo do conhecimento do ser humano na sua totalidade.

Quanto ao papel de professor, esperam desse profissional amizade e bom relacionamento acima de tudo, colocando também o valor dos conhecimentos. Não distinguem esse profissional dos outros, colocam-no entre as pessoas comuns, mas marcante na vida dos alunos, pois educa e ensina.

Parece que a percepção de professor está mais de acordo com a realidade, do que a de psicólogo, pois nessa profissão as expectativas são super-humanas.

Em ambas as percepções, notamos a ausência de um perfil profissional que permita pela socialização a internalização das expectativas e do conhecimento do papel que irão exercer, em futuro muito próximo.

Quanto ao papel da Psicologia na formação do professor, percebem-na como de contribuição nas relações humanas entre professor e alunos, bem como no auxílio que presta no compreender as individualidades e a diversidade de comportamentos dos alunos, tudo isso contribuindo decisivamente no processo de ensino-aprendizagem.

Revela uma percepção otimista e ideal de professor que, apenas ao conhecer alguns conceitos de Psicologia, se torna capaz de atender a todas essas expectativas descritas pelas percepções dos sujeitos.

Percebem a Psicologia como instrumento que explique o porquê das individualidades e das fases dos alunos no processo educativo e de manutenção da saúde mental dos mesmos. Não se encontrou diferenças entre as respostas dos sujeitos de 1982 e entre os de 1983.

Já com relação ao que é educar e o que é ensinar o correu uma uniformidade nas percepções, principalmente quanto ao conceito de ensinar que a maioria dos sujeitos respondeu como sendo transmitir conhecimentos, informações específicas de uma disciplina, para que o aluno aprenda. O conceito de educar esteve direcionado para a modelagem do comportamento de acordo com a cultura, e para se viver adequadamente em sociedade. Portanto, tendem a uma formação da personalidade, dentro de uma orientação de vida.

Portanto, ser psicólogo é ser mais do que um ser humano comum, é ter bom preparo intelectual, maturidade emocional, que se conhece e se ajuda, que conhece e ajuda os outros.

Ser professor é alguém que educa e ensina, que orienta nos problemas da vida, e com amplos conhecimentos, sobre a disciplina.

O papel da Psicologia na formação do professor é o de ajudar nas relações humanas, principalmente entre professor e aluno, influenciando na aprendizagem. É o papel de capacitar a entender a diversidade e a individualidade dos comportamentos dos alunos.

O conceito de educar refere-se a formação da personalidade, a modelar o comportamento social, a preparar para a vida transmitindo segurança, amor e compreensão.

O conceito de ensinar refere-se especificamente a transmitir conhecimentos específicos, informações sobre uma disciplina.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 CONCLUSÕES

Os resultados obtidos evidenciaram que :

1. os futuros profissionais, quase ao final do curso de graduação, não possuem dados precisos sobre as funções que irão desempenhar;
2. a partir de suas percepções, não foi possível traçar um perfil de psicólogo, e de professor de Psicologia;
3. em relação à carreira de psicólogos, os sujeitos demonstraram que a percebem restrita à área clínica e esta, por sua vez, como serviço prestado a poucos;
4. o ensino da Psicologia, para eles, não se diferencia, na prática, de qualquer outro conhecimento a ser veiculado via transmissão oral;
5. os resultados permitiram uma discussão mais ampla do que objetivou inicialmente este estudo, extrapolou-se a disciplina de Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade, e considerou-se a formação do psicólogo como um todo, dentro de uma grade curricu

lar que se projeta desde os fundamentos teóricos básicos en
sinados no curso;

6. permitiu também uma análise da clientela que
procura os cursos de Psicologia;

7. a partir das percepções dos sujeitos desta pes
quisa foi possível discutir as tarefas do psicólogo nas
áreas : clínica, escolar e industrial e as do licenciado em
Psicologia como educador, como professor e pesquisador da
Psicologia.

A uma análise dos resultados obtidos através das
percepções dos sujeitos, conclui-se que foram valorizados
certos padrões de comportamento mencionados logo acima, e que
vamos proceder a uma maior reflexão.

1) os futuros profissionais, quase ao final do cur
so de graduação, não possuem dados precisos sobre as funções
que irão desempenhar.

Podemos considerar como possíveis fatores determi
nantes da falta de dados precisos sobre a função de profes
sor de Psicologia que irão desempenhar, a própria formaç
ão acadêmica recebida que relega a um segundo plano, o ensino
da ciência psicológica não apenas no ensino superior, mas
principalmente no ensino médio de segundo grau, onde a dis
ciplina Psicologia é integrante da grade curricular de cur
sos profissionalizantes do magistério, técnico em secretaria
do, técnico auxiliar de contabilidade e outros. Durante o

curso de graduação há uma tendência para que o aluno siga até a formação de psicólogo, e que a valorize como " profissão liberal " o que também não corresponde a dados precisos sobre a função de psicólogo numa sociedade onde há crise de mercado de trabalho, e esse profissional tem se dedicado a trabalho assalariado, situação bem diferente da imagem que lhe é veiculada durante o curso, quer pela literatura estrangeira que passa um perfil profissional de outra realidade, quer pelo desconhecimento que nossos licenciados e formandos em psicologia têm das associações de professores, de psicólogos e dos sindicatos de psicologia.

2) a partir de suas percepções não foi possível traçar um perfil de psicólogo, e de professor de Psicologia.

As percepções dos alunos não apresentam expectativas profissionais ou sociais quanto aos dois papéis, provavelmente por ausência de modelos socialmente desempenhados na comunidade, que lhes permitissem pela socialização, internalizar papéis profissionais. A imagem que projetam desses profissionais é carregada da importância do relacionamento humano e de um humanismo pautado no paternalismo e no assistencialismo. O perfil profissional não foi possível ser delimitado, pois esperam auto-conhecimento, auto-realização, em fim esperam tornar-se pessoas " super-humanas ", e não profissionais no exercício de suas funções.

3) em relação à carreira de psicólogo, os sujeitos demonstraram que a percebem restrita à área clínica e esta

por sua vez, como serviço prestado a poucos.

A formação acadêmica adotou historicamente o modelo clínico para sua clientela, tanto que as horas destinadas aos estágios supervisionados do curso de formação de psicólogos eram maiores do que as destinadas, à formação em psicologia escolar e psicologia industrial. E as disciplinas do curso também tendem para essa área, que atende problemas psicológicos de uma determinada classe social, denominada elite. Com a situação atual de saturação do mercado de trabalho, novas alternativas de atendimento a outras classes sociais da nossa população, tornam-se necessárias. O que se tem observado nos cursos de formação é uma tendência um tanto tímida para a prática junto à população em geral, para que possa se justificar como instrumento de trabalho prestado a muitos.

4) o ensino da Psicologia, para eles, não se diferencia, na prática, de qualquer outro conhecimento a ser veiculado via transmissão oral.

Na percepção dos sujeitos o ensino da Psicologia na sua prática, não se diferencia de qualquer outro conhecimento a ser veiculado via transmissão oral seguindo o esquema da pedagogia tradicional : exposição oral, perguntas e exercícios esquecendo-se, muitas vezes, de que a ligação entre o conteúdo e a realidade da clientela é o ponto de encontro que mais motiva os alunos em sala de aula, além de um bom relacionamento entre professor e alunos. Não apresentam expecta

tivas quanto à maneira de veicular os conhecimentos psicológicos adquiridos durante o curso, nas escolas da comunidade onde devem desenvolver os seus estágios supervisionados de prática de ensino de psicologia.

5) os resultados permitiram uma discussão mais ampla do que objetivou inicialmente este estudo, extrapolou-se a disciplina de Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade e considerou-se a formação do psicólogo como um todo, dentro de uma grade curricular que se projeta desde os fundamentos teóricos básicos ensinados no curso.

Com relação à Licenciatura em Psicologia sabemos que a preocupação de todo programa de formação de professores não deve ser a de transmitir conteúdos, mas a de preparar educadores que se sintam comprometidos com um projeto de sociedade, que lhe exige condições para análise da realidade nacional, compreensão dos condicionamentos ideológicos e uma percepção das reais vinculações da escola com a sociedade. Na busca de transformação do mundo, o professor tomará consciência da distância que existe entre o seu cotidiano e a realidade, para que possa perceber os mitos do magistério. Na formação de recursos humanos, o professor de Prática de Ensino de Psicologia deve aguçar a sensibilidade do futuro professor de maneira a poder captar os problemas essenciais da realidade sócio-cultural, e política-econômica de interesse mútuo entre professor e alunos. Portanto, consideramos o mo

mento da Prática de Ensino de Psicologia um momento privilegiado dentro da grade curricular de formação do professor de Psicologia, por permitir a retomada da ciência psicológica e de uma análise crítica de suas funções sociais desempenhadas até então, para juntos poderem delinear que tipo de Psicologia vão ensinar a seus alunos : a que continua a reproduzir conceitos antigos, ou uma nova perspectiva de ensino da ciência psicológica que com função mais ampla, por pretender ser transformadora. Por isso os estágios que permitam ao futuro profissional transitar com desembaraço de um meio elitizado, para outro popular, permite que aja em função das realidades.

Com relação à Formação do Psicólogo o futuro profissional tem recebido a imagem do " profissional liberal ", e sabemos que tanto no magistério, quanto no exercício da profissão, os que militam na Psicologia desempenham o que podemos chamar de - hoje, estamos assistindo à proletarização do professor de Psicologia e à do psicólogo - dentro da divisão social do trabalho, na nossa sociedade capitalista. Portanto, é uma ilusão a do profissional liberal. A formação recebida nos cursos de formação são realizadas de forma individualista, elitista, com uma visão míope da realidade humana, desvinculando-a do social, do cultural, do econômico, do político, do biológico e dos outros campos do saber humano que pela interdisciplinaridade, mostra a singularidade e a unicidade da profissão. Os diagnósticos e os tratamentos psicológicos sofrem a limitação das técnicas importadas, tornando a prática pouco expressiva, pois a dedicação à pesqui

sa deixa a desejar em termos de dados obtidos a partir do conhecimento da realidade social. A prática tem carecido do profissionalismo que deve caracterizá-la, partindo para um assistencialismo e um paternalismo que tem mantido sua ação. A prática elitista ainda tem sido a permeada nos cursos de formação, despreparando o futuro profissional para as práticas populares, que serão sem dúvida nenhuma, as que lhe irão requisitar como campo de trabalho disponível na sociedade, que já apresenta saturação do mercado de trabalho para o psicólogo elitista. E nesse momento, ele percebe que a sua formação foi falha, pois não lhe ofereceu os subsídios necesários para lidar profissionalmente com a " nova " realidade que está à sua frente, e reclama seus serviços profissionais. Ainda com referência à formação profissional, esta se instala num esplêndido isolamento e institui um saber fragmentado do ser humano, esquecendo-se de percebê-lo em sua totalidade. Os fundamentos teóricos básicos ensinados no curso oferecem essa visão fragmentada do ser humano : ora como psicologia social, ora como psicologia do desenvolvimento, ora como psicologia da personalidade, ora como psicologia da criança e outras que passam a idéia de que o ser humano é a reunião dessas partes da Psicologia e perde de vista a " gestalt " humana. E o que é pior ainda, não fornece essa " gestalt " - nem como pistas - e espera que o aluno " num passe de mágica " consiga integrar todos esses estudos, e forme sozinho a sua percepção total de ser humano, nas suas mais diversas variações.

Esse estado de coisas me lembram as palavras de Kierkgaard⁶⁸

"Aventurar-se causa ansiedade, mas deixar de arriscar-se é perder a si mesmo ... E aventurar-se no sentido mais elevado é precisamente tomar consciência de si próprio".

Parece que é hora de buscarmos novas práticas profissionais, junto à totalidade da realidade brasileira para que o profissional - professor de Psicologia e psicólogo - encontre definitivamente sua identidade profissional e possa emergir daí o seu perfil, que funcione como padrão que crie expectativas positivas nos futuros profissionais e na comunidade.

6) permitiu também uma análise da clientela que procura os cursos de Psicologia.

A clientela que vem à procura do curso de Psicologia não tem apresentado interesse consistente na profissionalização. Na sua grande maioria compõe-se de elementos do sexo feminino, que vem em busca de auto-conhecimento, de auto-realização para superar seus problemas pessoais e procuram o processo terapêutico dentro da sala de aula, como se através da "incorporação" dos conhecimentos técnicos, fosse possível o "insight" para seus problemas. Com essa perspectiva e com essa caracterização da clientela, os avan

68. MAY, R. O homem à procura de si mesmo. Petrópolis. Vozes. 1971. p. 5.

ços referentes à pesquisa da ciência psicológica, e suas aplicações nos vários campos do conhecimento humano, ficam relegados a um segundo plano, justamente porque quem deveria cuidar dessas questões, está mais interessado em questões pessoais e individuais do que nas sociais, ficando difícil à clientela, compreender suas responsabilidades sociais, frente à profissão que pretendem exercer.

7) a partir das percepções dos sujeitos desta pesquisa foi possível discutir as tarefas do psicólogo na área: clínica, escolar e industrial, e as do licenciado em Psicologia como educador, como professor e pesquisador da Psicologia.

As tarefas desses profissionais são eminentemente educativas, e⁶⁹

"Percebendo a Educação como sendo dada no cuidado que uma pessoa dispensa ao vir-a-ser da outra, aparecendo no ser-com-o-outro...".

Considerando todas as tarefas dos profissionais que militam na ciência psicológica, como tarefas educativas podemos concluir que as percepções dos sujeitos também demonstram percebê-las como eminentemente educativas, mas ainda iniciando os seus primeiros ensaios de uma prática mais madura.

69. MARTINS, J. e BICUDO, M.A.V. Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação. São Paulo. Moraes. 1983

Quanto à modalidade de aplicação das técnicas psicológicas percebem-nas mais na área clínica como tarefa individual, que fornece " status " de profissional liberal. A tarefa do psicólogo escolar é pouco considerada, e vem sendo exercida em escolas particulares e em alguns segmentos de secretarias de educação, ainda não há a inserção desse profissional nas escolas estaduais e municipais, assim como no terceiro grau. Já com relação ao psicólogo industrial suas funções foram completamente desconsideradas pelos sujeitos que responderam ao Questionário, justamente pela ausência de modelos, isto é, de profissionais atuando nessa área na região, assim como também pela tendência da formação que recebe no curso. Quanto ao professor de Psicologia no segundo grau, os sujeitos nem o percebem, pois essas funções vem sendo exercidas por profissionais de outras áreas e mesmo porque nem percebem que esse é mais um campo de trabalho. E quando o percebem, desconsideram-no, porque vêm em busca de algo mais valorizado socialmente - o clínico - o que não deixa de ser uma ilusão. Quanto ao pesquisador da Psicologia, seja na educação, na saúde, no trabalho e em outras áreas, há um total desconhecimento, a não ser experimentos com animais.

Esses dados referentes às percepções dos sujeitos parecem ter origem, mais no caráter do curso, que não concorre para criar no estudante uma consciência mais ampla das funções dos profissionais. No momento, parece oportuno uma reflexão da ação exercida até então, para uma análise histó-

rica e social da questão da divisão do trabalho e dentro de la inserir o trabalho do psicólogo e o do professor de Psicologia, a fim de se conhecer e trabalhar com as causas que têm deixado a ciência psicológica em crise, justamente por ter exercido função reprodutora e não incentivadora da criação de novos conhecimentos ao exercer sua função eminentemente libertadora e transformadora da ordem social.

6.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na preocupação com a questão da responsabilidade social de nossa ação profissional, bem como sua maior intensidade no momento de formação de recursos humanos, algumas considerações são relevantes para um exame. May apresenta quatro delas para nossa reflexão.⁷⁰

A primeira delas refere-se à nossa tendência para racionalizar a falta de engajamento com a nossa atitude de esperar até que se apresentem todas as provas.

A segunda é a da nossa ingenuidade sobre o problema do poder. A nossa consciência incluindo a percepção e a compreensão dos aspectos destrutivos do poder, podem mobilizar nossas necessidades de poder ao serviço dos aspectos construtivos das questões sociais.

70. MAY, R. Psicologia e dilema humano. 3.^a ed., Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1977. p. 206 a 226.

A terceira é a tendência anti-histórica na Psicologia, e o nosso dilema é se podemos ter uma ciência do homem, e ao mesmo tempo evitar a tendência para tornar o homem imagem e semelhança das máquinas e técnicas, mediante as quais o estudamos.

O dilema desta terceira consideração, nos questiona sobre o papel de controlar e manipular outros, com a reflexão de nosso papel social, pois⁷¹

"... a diferença decisiva é se esse controle pressupõe ou não a outra pessoa como sujeito ou como objeto; se esse controle está ou não associado à manipulação ... ou ao propósito de ampliar a consciência e a liberdade da outra pessoa para participar, responsavelmente, na escolha de valores sociais".

A proposta do autor é⁷²

"... a existência de uma relação dialética entre valores sociais e liberdade individual, e que não podemos ter uma coisa sem a outra. (...) Essa relação dialética entre liberdade individual e valor social é estabelecida tanto na consciência subjetiva do indivíduo como em seu comportamento objetivo, e é causa de transformações na sociedade à medida que se desenrola".

A quarta consideração diz respeito à inter-relação entre a liberdade individual e os valores sociais, pois⁷³

71. Ibidem, p. 215, 216

72. ibidem, p. 217

73. ibidem, p. 219

"... o aparecimento de um novo valor ocorre, em maior ou menor grau, como um ataque aos valores existentes da sociedade".

bem como a importância de se preservar e respeitar o direito e a capacidade do indivíduo de inquirir, porque⁷⁴

"Estar apto a Inquirir, a pôr em dúvida e contestar é o começo da experiência de identidade de uma pessoa.

e finalmente a relação mais importante de todas entre liberdade individual e valores sociais é a de que⁷⁵

"... os valores humanos nunca são simplesmente unilaterais, como uma rua de mão única, mas envolvem sempre um 'não' e um 'sim' - a que eu chamarei aqui uma polaridade de vontade. Com efeito, todo e qualquer evento na experiência humana não é uma relação dialética entre tais pólos positivos e negativos?".

O que se pretende enfatizar aqui é a avaliação como um ato, que implica em um sistema aberto; sabemos que⁷⁶

"É no ato de avaliar que a consciência e o comportamento se tornam unidos. Uma pessoa pode receber valores por hábito (...). Mas o ato de avaliar, em contraste, envolve um engajamento, um compromisso, por parte do indivíduo, que vai além da situação automática. Isso, por seu turno, implica uma escolha e responsabilidade conscientes".

74. Ibidem, p. 220

75. Ibidem, p. 221

76. Ibidem, p. 225, 226

O que se pretende aqui é saber como os alunos percebem a função de professor de Psicologia, se a confundem com a função de psicólogo. Ainda mais, pretende-se saber como os alunos estão sendo preparados e se a formação reproduz as práticas individuais, competitivas e alienantes que deixam de lado a capacidade do indivíduo de inquirir entendida como forma de experiência de identidade pessoal e/ou profissional. Como vem se processando a socialização que permeia expectativas ideais, as disposições e as necessidades do papel de professor de Psicologia, ao incorporar conceitos, crenças e atitudes ? A metodologia utilizada neste trabalho possibilitou o conhecimento detalhado das percepções dos sujeitos quanto a ser professor de Psicologia e a ser psicólogo, que foram colocadas em relevo no capítulo precedente. Nesse momento iremos apresentar algumas considerações a respeito da consciência do papel de professor de Psicologia especificamente o de segundo grau, sobre o mercado de trabalho, a idéia de ciência pronta que a Psicologia recebe e transmite, esquecendo-se de seu estatuto epistemológico e finalmente a questão do professor de Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade que no processo formativo do licenciando em Psicologia, não pode operar " milagre " ao tentar retomar a ciência psicológica e seu ensino, mas ressaltar que esse encontro entre esse professor e seus alunos é um momento altamente privilegiado no curriculo da Licenciatura em Psicologia.

Tanto para uma quanto para outra função, a respon

sabilidade social tem o mesmo peso, uma vez que ambas lidam com pessoas humanas em crescimento, em socialização e em formação de identidade.

Já ficou evidenciado neste estudo, a importância atribuída a certos padrões de comportamento do professor que refletem o relacionamento professor x aluno como uma forma positiva e determinante do processo ensino-aprendizagem. Valorizam a figura e a atuação do professor, bem como enfatizam o domínio dos conteúdos curriculares, embora não evidenciem ser o conhecimento psicológico diferente daqueles veiculados via transmissão oral. Pressupõe que os procedimentos sejam a exposição, a interrogação e os exercícios, embora alguns não deixem de relacionar o que se ensina, com o conteúdo de vida. Portanto o ensino da ciência psicológica, parece ser entendido mais como uma orientação de vida, para que os alunos possam cuidar de si.

A percepção dos sujeitos quanto ao papel de professor de Psicologia refere-se ao de um professor comum, mas carregado de humanismo ingênuo, assistencialista e paternalista, descomprometido com a sociedade e com a história. Se ser professor é ser sujeito de sua ação, a ação transformadora da escola só se viabilizaria através do papel de educador da inteligência a ser desempenhado pelo professor e que Japiassu especifica.

Parece-nos que no processo formativo do aluno, uma visão da política, da economia, da sociologia, da educação e

das técnicas de pesquisa que extrapolem a compartmentaliza
ção do ser humano, deve emergir. Um dos caminhos para essa
prática pode ser a proposta de um trabalho interdisciplinar
que não perca de vista a " gestalt " do problema. A mobili
zação de recursos para a montagem de serviços de apoio aos
vários cursos da universidade, através do Departamento de E-
ducação que atue como elemento de planejamento cooperativo e
interdisciplinar. Outra questão é a da escolha do magistê
rio da Psicologia como profissão, por opção. Sabemos que a
clientela busca os cursos de Psicologia como meio de resolu
ção de problemas pessoais e vem em busca de sua própria tera
pia, portanto ainda não atingiu a conscientização necessária
para a compreensão humana totalizante e profissionalizante,
para que o nível do profissional expresse e cumpra as suas
reais funções sociais. A percepção dos sujeitos denunciou a
falta de consciência do papel futuro, a ser desempenhado. Em
relação ao ensino da Psicologia no segundo grau, há um total
desconhecimento do papel, que não é internalizado pela au-
sência de um perfil, bem como de mercado de trabalho que es
tá atualmente nas mãos de outros profissionais, pelo pequeno
" status " que ele representa nos meios dos que militam a
ciência psicológica. E quanto ao ensino superior da Psicolo
gia há uma ausência de criticidade frente ao processo forma
tivo. A aceitação dos padrões impostos faz com que os incor-
porem durante a formação acadêmica, provavelmente porque a
prática não os tem alertado para esse fato, e apenas e tão
somente depois de formados, ao exercerem a ação profissional

é que iniciam o questionamento e começam então o caminho da formação de sua identidade profissional. Recebem os conhecimentos psicológicos como uma ciência pronta, com verdades estáveis, dogmáticas; apenas nos estágios supervisionados - ou na vida profissional - é que vão inquirir sobre o estatuto epistemológico da ciência psicológica. E sem dúvida nenhuma o professor de Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade desfruta de um encontro altamente privilegiado com seus alunos no momento em que lhe é permitido rever os conceitos psicológicos adquiridos até então, bem como a melhor adequação de ensinar os mesmos à população de alunos do segundo grau; esse é um momento de uma checagem da bagagem psicológica, e esse professor não faz milagre com a formação do licenciando, no sentido de melhorá-la em muito, pois ele é o professor " strictu sensu ", e recebe uma formação já trabalhada pelo " latu sensu ", mas sem dúvida nenhuma esse momento representa, na vida do aluno uma reflexão de sua ação, bem como um alerta para o ato de avaliar pelo engajamento e compromisso com a ciência psicológica, como um sistema aberto.

Com relação à percepção dos sujeitos quanto ao papel de psicólogo, são conferidas qualidades e poderes que os equiparam a " super-homens " perfeito, que se conhecem e extremamente dispostos a ajudar de maneira paternalista, individualista e assistencialista seus clientes que apenas são reconhecidos como os da prática clínica, esquecendo-se das outras áreas de aplicação como a escolar e a industrial.

Essa crise da ciência psicológica reflete-se nas modalidades de ensino e de aplicação das técnicas psicológicas, através da ausência de um perfil profissional que atenda às necessidades da comunidade brasileira, trazendo o retorno social, prerrogativa de toda ciência. A falta do perfil profissional do professor de Psicologia e do psicólogo proporciona a hipótese de que os profissionais e os alunos estão aptos a inquirir sobre a Psicologia e suas questões epistemológicas e praxeológicas, a fim de estarem formando a identidade profissional que se aproxime da prática libertadora e de agente de transformação social.

Não pretendemos desconsiderar a ciência psicológica com as considerações tecidas até então, mesmo porque é nosso campo de trabalho por gosto e opção consciente, mas o que se pretende é alertar contra práticas reprodutoras e ir em busca de práticas transformadoras que alcancem um maior número de pessoas, e deixe de ser "atividade de luxo".

O trabalho do Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo e do Conselho Regional de Psicologia - 6.^a região⁷⁷ realizado pelo DIEESE em 1981 indicou resultados que foram interpretados em mesa-redonda por psicólogos e os pontos discutidos foram os seguintes :

1. uma profissão feminina.

77. Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo. O perfil do psicólogo no Estado de São Paulo. Sindicato dos psicólogos no Estado de São Paulo. Conselho Regional de Psicologia - 6.^a região. São Paulo. Cortez. 1984.

O fato da categoria ser feminina é um dos determinantes das condições observadas : trabalha pouco, ganha mal e está satisfeita com a profissão.

2. a profissão centrada na prática clínica.

Quando alguém diz que é psicólogo, a primeira coisa que se pergunta é onde é seu consultório.

Uma consequência da ênfase nessa prática é que despreparou o psicólogo para assumir novos mercados com possibilidades mais amplas.

3. o problema da formação profissional.

O " boom " da universidade possibilitou à classe média o sonho da ascensão pela educação. É um mito Hoje você estuda cinco anos para ficar desempregado.

A população não está sendo atendida pelo psicólogo ... Então, que formação é essa, considerada social, que não atinge a maior parte da população ?

4. o problema do currículo dos cursos de Psicologia.

Conclusão da Comissão de Ensino do Conselho Regional de Psicologia - 6.^a região em 1982 : não é possível pensar uma reformulação curricular enquanto se mantiver a atual estrutura da universidade.

5. condições de trabalho.

Talvez tornar-se autônomo seja a única forma que o psicólogo encontra para se vincular ao mercado de trabalho.

6. o papel das entidades de classe.

A imagem do Sindicato para a categoria é daquele Órgão que vale quando o indivíduo tem patrão, e de preferência use macação ... É uma coisa de proletário, não de liberal ...

7. perspectivas para a categoria.

A possibilidade da categoria se firmar como socialmente importante vai depender de sua capacidade de se auto-rever, buscar novas formas de atuação ... Neste sentido a entidade é muito importante.

Com relação ao ensino da Psicologia no segundo grau o Jornal do Conselho Regional de Psicologia - 06, de nūmero 31 de janeiro de 1985, na sua página 4 traz um artigo denominado " Psicologia no segundo grau : Secretaria da Educação procura professores " baseada na resolução publicada no Diário Oficial do Estado de 30.11.1984, determinando a abertura de inscrição para professores interessados em ministrar aulas de Psicologia nas escolas estaduais do segundo grau. É obrigatória a Licenciatura em Psicologia para que as inscrições possam ser realizadas na Delegacia de Ensino a que estiver jurisdicionada a escola escolhida.

Por outro lado, no mesmo jornal e na mesma página há um artigo sobre o Congresso de Educação a ser realizado de 27 a 29 de março do corrente ano com a representação de todas as categorias profissionais que atuam na Educação e os psicólogos contam com duzentas vagas.

Sem dúvida alguma esse é um importante marco na conquista do mercado de trabalho para o Licenciado em Psicologia, no segundo grau.

Segundo dados do Boletim Informativo do Conselho Federal de Psicologia, ano VIII, dezembro de 1984, número 31 até 30-08-1984, 43.780 psicólogos estavam inscritos nos Conselhos Regionais de Psicologia, e esse novo campo de trabalho constitui-se em alternativa até então desconsiderada.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, R. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo. Cortez : Autores Associados. 1982.
- ASSIS, M.C. *A influência dos estudos pedagógicos sobre a percepção do papel de professor*. Dissertação de mestrado. USP. Faculdade de Educação. 1977.
- BEAINI, T.C. *À escuta do silêncio: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger*. São Paulo. Cortez : Autores Associados. 1981.
- Boletim Informativo do Conselho Federal de Psicologia. Ano VIII. nº 28. junho de 1981.
- BARBIERI, M.R. e outros "Doze anos de prática de ensino". *Educação e sociedade*. CEDES 18. Agosto de 1984: 144-152.
- BRANDÃO, C.R. e outros *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1982.
- CAMPOS, R.H. de F. "A função social do psicólogo". *Educação e sociedade*. CEDES 16. Dezembro de 1983: 74-84.
- CANDAU, V.M. e LELIS, I.A. "A relação teoria-prática na formação do educador". *Tecnologia educacional*. Ano XII. nº 55, vol. 12: 3-54. nov/dez. 1983.

DEMO, P. "Função social da universidade". *Educação brasileira*. Brasília. vol. 1, nº 1. 1ª sem. 1978.

DUARTE JR., J.F. *Bases para uma reestruturação da Psicologia no Brasil*. Universidade Federal de Uberlândia. Centro de Ciências Humanas e Artes. 1980.

FRACALANZA, D.C. *A prática de ensino nos cursos superiores de licenciatura no Brasil*. Tese de mestrado. UNICAMP. Faculdade de Educação. 1982.

FRANCO, M.L.P.B. *Análise de conteúdo*. Seminário metodológico. texto não publicado. 1980.

O desempenho de papéis em sala de aula: um manual de treinamento para observadores. vol. 1 e 2. São Paulo. Cortez & Moraes. 1979.

GREENING, T.C. org. *Psicologia existencial-humanista*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1975.

GUARESCHI, P.A. "A educação no momento atual". *Psico*. Porto Alegre. vol. 6, nº 1: 1-184. jan/jun. 1983.

HEIDEGGER, M. *Todos nós ... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo. Editora Moraes Ltda. 1981.

JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda. 1976.

Introdução à epistemologia da psicologia. 3ª ed. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda. 1982.

JAPIASSU, H. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda. 1975.

KUHN, T.S. *A estrutura das revoluções científicas*. 2.^a ed. São Paulo. Editora Perspectiva. 1978.

LANE, S.T.M. *O que é psicologia social*. 2.^a ed. São Paulo. Editora Brasiliense S.A. 1981.

LANE, S.T.M. e CODO, W. org. *Psicologia social o homem em movimento*. São Paulo. Editora Brasiliense S.A. 1984.

Legislação e Informações. Ministério do Trabalho. Conselho Regional de Psicologia - 6.^a região.

LEITE, R.C. de C. *As sete pragas da universidade brasileira*. São Paulo. Duas Cidades. 1978.

LEITE, S.A. da S. "Relação psicólogo escolar x pedagogo : questão de definição de funções". *Boletim da associação estadual dos psicopedagogos de São Paulo*. Ano 3. nº 4: 19-26. Abril de 1984.

LOPEZ, M.A. *Avaliação de serviços de psicologia clínica*. Tese de mestrado. PUC-SP. 1981.

MARTINS, J. "O psicólogo escolar". *Revista de psicologia normal e patológica*. São Paulo. nº 1, ano XVI. jan./mar. 1970.

MARTINS, J. e outros "Subsídios para redação de tese de mestrado e doutoramento". *Revista da Universidade Católica*

- de São Paulo. vol. XXXVI. jan/jun 1969. fascs. 69-70.
- MARTINS, J. e BICUDO, M.A.V. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo. Moraes. 1983.
- MASINI, E.S. *Ação da psicologia na escola*. 2.^a ed. ampl. São Paulo. Moraes. 1981.
- MATOS, M.A. "Ciências humanas e sociais - Psicologia". *Avaliação & Perspectivas*. Brasília. SEPLAN - CNPq. 55: 271-305. 1982.
- MAY, R. *O homem à procura de si mesmo*. 9.^a ed. Petrópolis. Editora Vozes Ltda. 1982.
- *O significado de ansiedade: as causas da integração e desintegração da personalidade*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1980.
- *Poder e inocência: uma análise das fontes da violência*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1981.
- *Psicologia e dilema humano*. 3.^a ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1977.
- *Erros e repressão: amor e vontade*. 3.^a ed. Petrópolis. Editora Vozes Ltda. 1982.
- MAY, R. org. *Psicologia existencial*. 3.^a ed. Porto Alegre. Editora Globo. 1980.
- MEDIANO, Z.D. "A formação do professor de prática de ensino

- no". *Educação e sociedade*. CEDES 17: 138-148. Abril 1984.
- MELLO, S.L. de *Psicologia e profissão em São Paulo*. 1.^a ed. 5. imp. São Paulo. Ática. 1983.
- MERANI, A.L. *Psicologia e alienação*. 2.^a ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1977.
- MOSQUERA, J.J.M. *O professor como pessoa*. 2.^a ed. Porto Alegre. Livraria Sulina Editora. 1978.
- OLIVEIRA, Z. de M.R. de e MANZOLLI, M.C. "Supervisão de estágio de regência em prática de ensino através de técnicas de 'role playing'". *Cadernos de pesquisa*. São Paulo. (38): 14-25. Agosto 1981.
- PATTO, M.H.S. org. *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo. T.A. Queiroz. 1981.
- PRETTO, S.P.N. *Educação humanista: características de professores e seus efeitos sobre alunos*. São Paulo. Cortez & Moraes Ltda. 1978.
- REZENDE, A.M. de "A universidade e a cultura brasileira". *Educação brasileira*. Brasília. vol. 1, nº 1. 1.^o sem. 1978.
- ROMANO, R. "Progressismo e conservadorismo. Questões sobre a universidade". *Educação e sociedade*. Ano IV, nº 13. Dez. 1982 (7:18).
- ROSEMBERG, F. "Psicologia, profissão feminina". *Cadernos*

de pesquisa. São Paulo, (47): 32-37. Nov. 1983.

SAVIANI, D. *Educação brasileira*. São Paulo. Edição Saraiva. 1981.

_____ *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo. Cortez Editora. 1982.

_____ *Ensino público e algumas falas sobre universidade*. São Paulo. Cortez: Autores Associados. 1984.

_____ *Escola e democracia*. 1.^a ed. São Paulo. Cortez Editora: Autores Associados. 1983.

SILVA, E.T. da *Os (des) caminhos da escola: traumatismos e-ducacionais*. São Paulo. Editora Moraes. 1982.

Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo. *Psicólogos: Informações sobre o exercício da profissão*. Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo. São Paulo. Cortez. 1984.

Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo. *O perfil do psicólogo no estado de São Paulo*. Conselho Regional de Psicologia - 6.^a região. São Paulo. Cortez. 1984.

VICENTINI, M.I.F.L. *Análise da auto-percepção e da percepção interpessoal do universitário*. Tese de Doutorado. UNICAMP. 1976.

WITTER, G.P. *O psicólogo escolar: pesquisa e ensino*. Tese de livre docência. USP. Instituto de Psicologia. 1977.

APÊNDICE A

Corumbá, de de 198 .

Prezado(a) Aluno(a)

Solicitamos sua valiosa cooperação na pesquisa que ora realizamos. O presente estudo tem por objetivo traçar o perfil do licenciado em Psicologia e do Psicólogo que funcionne como indicador para elaboração de modelos curriculares, dos alunos de Licenciatura do curso de Psicologia do Centro Universitário de Corumbá, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O presente trabalho será apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Educacional na Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas.

Você faz parte da população como aluno(a) da disciplina Prática de Ensino de Psicologia - Estágio Supervisionado em Escolas da Comunidade. Solicitamos seu empenho ao responder o QUESTIONÁRIO, para tornar suas respostas o mais pesssoais possível.

Certos de que nos acompanhará, desde já agradecemos. Garantindo-lhe toda fidelidade científica e sigilo e anonimato para seu "depoimento".

Obrigada

Profª. Yara Haas

QUESTIONÁRIO

PARTE I

DADOS PESSOAIS DE IDENTIFICAÇÃO

- 1 . Ano de nascimento.
- 2 . Sexo.
- 3 . Estado civil.
se casado(a), número de filhos
- 4 . Estudos de segundo grau realizados em ...
- 5 . Você trabalha ?
- 6 . Se trabalha qual a atividade que desempenha ?
- 7 . Como é utilizado o produto de seu trabalho ?
- 8 . Carga horária de seu trabalho.
- 9 . Qual o significado do dinheiro que você obtém através de
seu trabalho ?
10. Acrescentar toda e qualquer informação que julgar necess
sária.

QUESTIONÁRIO

PARTE II

- 1 . Na sua opinião, o que é " ser Psicólogo "?
- 2 . Segundo sua maneira de ver, qual é o papel da Psicologia na formação do Professor ?
- 3 . Na sua opinião, o que é educar ? e ensinar ?
- 4 . De acordo com sua maneira de ver, quem é " o Profes-
sor "?
- 5 . Acrescentar toda e qualquer informação que julgar necess
sária.

APÊNDICE B

RESPOSTAS TEXTUAIS DOS SUJEITOS À QUESTÃO:

"NA SUA OPINIÃO, O QUE É SER PSICÓLOGO?"

- 1982 -

"Ser psicólogo, eis uma pergunta importante, pois acima de tudo trata-se de um ser humano, com todas as qualidades e defeitos, mas para ser um bom profissional, deve tentar superar todas essas 'coisas' gradualmente. Porque afinal de contas o psicólogo relacionará com pessoas, gente, se não atingir um grau perfeito de maturidade e equilíbrio, será um péssimo profissional".

"Psicólogo a meu ver é uma profissão muito bonita porque seus objetivos são auxiliar o homem, compreender seus comportamentos, etc... mas que precisa muita dedicação, vontade de chegar ao fim, porque é um curso que realmente além de exigir bastante intelectualmente exige uma maturidade muito grande emocional. Na minha opinião poucos conseguem sê-lo".

"É ser um indivíduo com conhecimentos acurados a cerca do comportamento humano e estar sempre disposto a ajudar outros seres da mesma espécie a resolver seus problemas, direcionando-os".

"É acima de tudo conhecer a si próprio e saber relacionar melhor com as outras pessoas".

"É compreender primeiramente a si próprio para através desta compreensão atingir os demais. Adentrando-se no próprio comportamento baseado nas aprendizagens oferecidas no curso é que o psicólogo será capacitado para compreender o comportamento desviado ou normal".

"Uma pessoa responsável pela saúde mental não só das outras pessoas como também da sua própria".

"É ter um equilíbrio ao ponto de poder ajudar: ouvindo, compreendendo e orientando quem precisar".

- 1983 -

"Ser psicólogo é orientar pessoas que estão necessitando de cuidados psicológicos. Compreender a maneira como uma pessoa se comporta, saber o porque, se for necessário. Orientá-las para que se sintam necessárias para si e para a sociedade".

"Ser um indivíduo capaz de ajudar os que necessitam".

"Antes de tudo um profissional de formação acadêmica, que através dos conceitos, teorias, realidades, e análise, possa compreender e entender as mais distintas formas de comportamento. Ver o homem como um ser emocional e de re-

ções individuais, e instrumentando o instrumento de bom ouvinte, atencioso e seguro e responsável e numa abrangência maior achar que o ser humano é sempre uma possibilidade".

"O psicólogo exerce a função de analisar e compreender o que a pessoa faz, como faz e porque faz".

"Ser psicólogo é ser um profissional habilitado e principalmente capacitado para desempenhar o papel de psicólogo, pois o papel desse profissional é de muita importância dentro das comunidades que o solicitam".

"É ser humano".

"Ser psicólogo é procurar orientar, tentar ajudar a resolver problemas de indivíduos ou pessoas que precisam e também a nós mesmos. Observação= resolver não só problemas mais procurar ajudar os outros e a si mesmo a viver melhor".

"Ser psicólogo atualmente é estar bem informado de todos os avanços da Psicologia para que não ocorram os erros dos antigos, ou seja psicólogo como sinônimo de rotulador. Eu pessoalmente procuro ir ao fundo das coisas, pois rótulos não me impressionam".

"Uma pessoa que procura ajudar outras a resolverem seus problemas ou contorná-los, baseado em seus conhecimentos, ou seja, sua formação profissional".

"Na minha opinião, a psicologia é a essência da vida. Assim sendo, ser um psicólogo é 'trabalhar' com a vida em todo o seu sentido e significado".

APÊNDICE C

RESPOSTAS TEXTUAIS DOS SUJEITOS À QUESTÃO:

"DE ACORDO COM SUA MANEIRA DE VER, QUEM É O PROFESSOR?"

- 1982 -

"Pessoa com grande capacidade de ajudar os alunos a solucionar os problemas que surgirão tanto na disciplina, como na vida".

"O professor é mestre, o que ensina, o amigo, aquele que colabora comigo me orientando, ensinando. O professor é sempre uma pessoa marcante na nossa vida".

"O professor é aquele indivíduo que tem um amplo conhecimento sobre uma disciplina e a transmite a outro, contudo sendo também humano reconhecendo as dificuldades individuais de cada aluno".

"Professor=pessoa capacitada, a peça mestra no processo ensino-aprendizagem. Elemento ativo no processo de relação".

"É toda e qualquer pessoa que transmite conhecimentos novos a alguém".

"É uma pessoa que tem em suas mãos um trabalho muito sério, o de educar e de ensinar que exige muita responsabilidade".

"É uma figura importante dentro da área educativa porque é responsável pela orientação e o desenvolvimento educacional de um aluno".

- 1983 -

"Professor é um amigo que serve de instrumento para que outros indivíduos possam adquirir culturas".

"Não apenas aquele que é apenas o orientador e sim aquele que antes de tudo é o amigo".

"Um elemento com seus valores, seus objetivos, mas que antes de tudo deve ser na minha opinião não um transmissor de conhecimento, regras, normas, mas um ser também constituinte de um meio".

"O professor ou o educador exerce a função de desenvolver as habilidades adquiridas do aluno".

"O professor é aquele que transmite seus conhecimentos, que se relaciona, que troca idéias, que fala, mas que sabe ouvir, enfim é aquele que se dedica a tarefa árdua de educar e ensinar".

"O professor é aquele que ensina, nos orienta, mas o professor mesmo é as nossas experiências e a vida".

"O professor é um indivíduo que deve estar apto para conviver com o seu próximo".

"Professor é aquele que mostra esse caminho - já percorreu e vem com sua experiência ensinar a estrada".

"É uma pessoa que tem a função de não só informar, transmitir conhecimentos, mas principalmente a de educar".

"O professor deve ser acima de tudo o amigo. Se não se é amigo, é difícil um relacionamento, um bom relaxamento para a aprendizagem, motivação para frequentar as aulas, e assim por diante. O professor é o portador de uma responsabilidade imensa, mas que não se tornará 'pesada' se ele for consciente e tiver amor e dedicação no que faz".

APÊNDICE D

FATORES QUE DETERMINAM A PERCEPÇÃO DE
SER PSICÓLOGO

- 1982 -

É mais do que um ser humano comum.

É alguém que superou os problemas que as pessoas comuns têm.

É alguém equilibrado e maduro para exercer a profissão de psicólogo.

Profissão bonita e que exige muito do profissional pois este precisa de bom preparo intelectual e grande maturidade emocional para auxiliar o ser humano.

Não é profissão para todo mundo, apenas alguns conseguem chegar a ser profissional que tem como função compreender a auxiliar.

É alguém que conhece bem o comportamento do ser humano.

É alguém que direciona o comportamento humano, na busca de solução dos problemas.

Acima de tudo é pessoa que ao exercer a profissão, conhece a si própria.

É pessoa que sabe se relacionar melhor com as outras pessoas.

É o profissional que primeiro compreende a si próprio através das aprendizagens que o curso oferece.

É o que compreende o comportamento das outras pessoas.

É alguém responsável pela saúde mental de si.

É também responsável pela saúde mental das outras pessoas.

É alguém equilibrado consigo mesmo, para poder ajudar os outros.

É alguém que ouve, compreende e orienta.

- 1983 -

É alguém que orienta pessoas que necessitam de cuidados psicológicos.

É o profissional que orienta e compreende a pessoa, para sentir-se necessária a si e à sociedade.

É alguém com capacidade de ajudar aqueles que necessitam de apoio psicológico.

É o profissional que através do referencial teórico, da análise da realidade, compreende o comportamento humano.

É alguém que ouve bem, é atencioso, seguro e responsável.

É o profissional que acha ser o ser humano sempre uma possibilidade.

É o profissional cuja função é a de analisar e compreender o que, o como e o porquê das pessoas fazerem o que fazem.

É profissional habilitado e capacitado para ser psicólogo.

É profissional e o seu papel é de muita importância para a comunidade que o solicita.

É ser humano.

É alguém que ajuda os outros e a si a viver melhor.

É o profissional que procura orientar e que tenta ajudar as pessoas a resolver seus problemas.

É o profissional que ajuda a si mesmo.

É alguém bem informado sobre os avanços da Psicologia e que procura não ser rotulador.

É o profissional que procura ir à fundo na análise dos problemas humanos, para não rotulá-los apenas.

É o profissional que através dos seus conhecimentos ou de sua formação profissional, procura ajudar as pessoas a resolver ou contornar os seus problemas.

É alguém que sabe trabalhar com a vida no seu significado.

É o profissional que sabe a essência da vida.

APENDICE E

FATORES QUE DETERMINAM A PERCEPÇÃO DE
SER PROFESSOR

- 1982 -

É a pessoa com grande capacidade de ajudar os alu
nos a solucionar os problemas da vida acadêmica - discipli
na - e os problemas comuns da vida.

É o educador.

É alguém que ensina, é o mestre, o amigo que ensi
na e orienta.

É alguém marcante na vida do aluno.

É alguém com amplo conhecimento sobre uma disci-
plina.

É alguém que transmite o conteúdo aos alunos.

É alguém "humano" que reconhece as dificuldades in
dividuais dos alunos.

É alguém capacitado e peça mestre no processo en
sino-aprendizagem.

É elemento ativo no processo de relação que existe
na sala de aula.

É toda e qualquer pessoa que transmite conhecimen

tos novos a alguém.

O professor não precisa ser apenas aquele da sala de aula, é toda pessoa que transmite conhecimentos a alguém.

É alguém que tem nas mãos o trabalho de educar e de ensinar.

É alguém que exerce um trabalho sério, que exige responsabilidade.

É alguém importante por ser o responsável pela orientação e pelo desenvolvimento educacional do aluno.

É alguém importante na área educativa.

- 1983 -

É alguém amigo que faz os alunos adquirirem cultura

É antes de tudo um amigo, depois orientador.

É alguém constituinte de seu meio.

É um transmissor de conhecimentos, regras e normas.

É alguém com defeitos, com valores, mas integrante de seu meio.

É o educador que também desenvolve as habilidades

que os alunos adquirem.

É alguém que desempenha duas tarefas árduas: a de educar e a de ensinar.

É o que transmite seus conhecimentos.

É aquele que sabe ouvir, que troca idéias, que se relaciona bem com os alunos.

É alguém que ensina e orienta os alunos.

É o conjunto das experiências das pessoas.

É a vida.

É alguém que deve ser apto a conviver com os alunos.

É alguém experiente que já percorreu o caminho e vem ensinar a estrada aos seus alunos.

É alguém que educa em primeiro lugar.

É também alguém que informa e transmite conhecimentos.

É alguém amigo em primeiro lugar.

É alguém que mantém bom relacionamento com seus alunos.

É alguém que realiza tarefa de imensa responsabi

lidade.

É alguém que tem sua tarefa amenizada se fôr consciente e tiver amor e dedicação.

APÊNDICE F

RESPOSTAS TEXTUAIS DOS SUJEITOS À QUESTÃO:
SEGUNDO SUA MANEIRA DE VER, QUAL É O PAPEL DA
PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR?

- 1982 -

"Importantíssima. Porque a produtividade do aluno em certo grau dependerá do relacionamento professor x aluno. Um professor com boa camaradagem com seus alunos, tem melhores resultados que aqueles do tipo severo, etc".

"Acho muito importante! Todo professor deve saber Psicologia, porque desde o momento que voce trabalha com pessoas e principalmente com crianças, a Psicologia auxilia muito, para não dizer 'norteia' o seu trabalho".

"Dar ao futuro educador, conhecimentos dos fatores psico-biossociais que interfere na aprendizagem do educando para que ele possa melhor conduzi-los no sentido de um maior rendimento na sua aprendizagem".

"Mostrar as diversas facetas do professor como agente integrador no processo de relacionamento".

"Uma vez que a Psicologia é o estudo do comportamento humano, a sua importância é imensa na formação do professor, pois o capacitará a entender melhor a classe de alunos, composta dos mais diversos comportamentos".

"O papel da psicologia na formação do professor é grande e significativa porque se vá a lidar com pessoas que estão a cargo da formação de crianças, adolescentes o mesmo pessoas adultas".

"Como experiência própria, acho que é realmente uma necessidade na formação do professor".

- 1983 -

"A Psicologia vai ajudar o professor a compreender certos comportamentos inadequados do aluno".

"De contribuição".

"O seu papel constitui uma das premissas básicas para qualquer relacionamento, visto que através desta, um le que de compreensões tanto a nível biológico, neurológico e emocional passa a ser sustentado permitindo-o ver que cada indivíduo é uma escola, valor, emoção e como tal não pode ser visto como genérico. Além, sobretudo de entender (permi tir) que passamos por fases, etc."

"O papel da psicologia na formação do professor é desempenhar maior contato prático em sua formação. Pondo a teoria na prática".

"O papel da psicologia é muito importante, pois

ela abrange a área da educação e saúde mental, um professor bem preparado nessa área poderá ajudar em muito no desenvolvimento e aproveitamento dos alunos."

"Ajuda o professor a compreender os seus alunos".

"O professor é um indivíduo cuja profissão é muito bonita e importante, porque lida com o ser humano, portanto, deve o mesmo estar preparado e com uma boa bagagem principalmente na formação psicológica, pois, isso lhe facilitará o desempenho dentro de uma sala de aula no convívio com seus alunos e os demais".

"Acho importante que o professor use a psicologia como técnica de ensino. As técnicas ajudam muito um professor competente mas não tornam capaz um incompetente".

"O papel da Psicologia é fazer com que o professor veja o aluno como pessoa e procure compreender seus problemas e ajudá-lo a resolvê-los".

"Como já citei acima, considero a psicologia importante em todos os aspectos. Com relação ao professor, a mesma poderá ser muito útil no contato e na compreensão da sala. A vivência que se pode 'passar' para estes alunos também se torna de muito valor no dia a dia".

APÊNDICE G

RESPOSTAS TEXTUAIS DOS SUJEITOS À QUESTÃO:
NA SUA OPINIÃO, O QUE É EDUCAR? E ENSINAR?

- 1982 -

"Educar = a maneira que temos de modificar algo nas pessoas. Ensinar = capacidade de transmitir, através de meios próprios ao receptor".

"Educar, ensinar é transmitir conhecimentos. De na da me valeria absorver coisas sem pô-las em prática".

"Educar é instruir um indivíduo ou grupos de indi víduos para a vida em sociedade e ensinar é transmitir conhe cimentos a outros, que são adquiridos ao longo de nossas e- xistências".

"Educar = ajudar o aluno a encontrar o seu caminho. Ensinar = transmitir informações e conhecimentos acerca do que se passa no mundo em nossa volta".

"Educar é preparar o comportamento a responder ade quadamente diante das diversas situações que a vida em socie dade oferece. Ensinar = é transmitir conhecimentos específi cos a alguém".

"Educar é um termo que abrange muitos tipos de com portamento, entre eles é fazer com que as pessoas aprendam a

lidar com o ambiente de maneira satisfatória, é fazer com que as pessoas sejam mais realistas e objetivas e isto se po de conseguir ensinando, isto é, dando explicações do po porque das coisas, em resumo dando conhecimentos".

"É orientar para uma melhor maneira de se portar, relacionar, se apresentar comunicar, enfim, formar alguém pa ra uma vida diferente".

- 1983 -

"Educar é orientar para uma vida melhor".

"Educar é desenvolver as potencialidades do aluno. Ensinar é levar o aluno a aprender".

"Efetivamente existe uma diferença enorme em ser educador e professor, notadamente porque educar significa an tes de tudo transmitir segurança, amor, realidade, compre ensão, acha-se o didático ao emocional, ao passo que ensinar constitui em transmitir conhecimento".

"Ensinar pra mim significa orientar e desenvolver as habilidades já adquiridas. Enquanto que exige um certo treinamento já adquirido".

"Educar é transmitir novos modos de comportamento de acordo com a cultura do meio em que vive. Ensinar é trans

mitir conhecimentos específicos de assuntos teóricos ou prá
ticos ao grupo em que se está desempenhando o trabalho".

"... .." (não respondeu)

"Educar é formar hábitos é dar amor é ajudar os ou
tros a sentir-se felizes. Ensinar é transmitir conhecimen-
tos".

"Educar é preparar para o futuro, para a vida.
que o educador é aquele que mostra para o aluno que ele pode
fazer sozinho, que pode e deve 'caminhar com as próprias per
nas'. Ensinar é mostrar o caminho, o 'como', a melhor manei
ra de chegar a um resultado satisfatório seja em que disci
plina for".

"Educar é procurar dar condições para que o indi
víduo forme sua personalidade e ensinar é transmitir conhe-
cimentos".

"Não sei se os confundo, ou se realmente eles (os
conceitos) se misturam. Na minha opinião, educar é formar,
orientar, preparar. Quando você ensina realmente e não
'transmite', não deixa de estar formando, orientando e pre
parando, enfim educando".

APÊNDICE H

FATORES QUE DETERMINAM A PERCEPÇÃO DE
QUAL O PAPEL DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

- 1982 -

O papel da Psicologia na formação do professor é importantíssimo, pois da relação professor x aluno depende a aprendizagem.

O papel da Psicologia é importante, pois norteia o trabalho com pessoas.

O papel da Psicologia na formação do professor é o de fornecer conhecimentos bio-psico-sociais que interferem na aprendizagem.

O papel da Psicologia na formação do professor é o de lhe mostrar suas facetas como agente de integração nas relações humanas.

O papel da Psicologia na formação do professor é o de capacitá-lo a entender a diversidade de comportamentos dos alunos.

O papel da Psicologia na formação do professor é o de fornecer dados para formar pessoas.

O papel da Psicologia na formação do professor é

necessário.

- 1983 -

O papel da Psicologia na formação do professor é o de ajudá-lo a compreender comportamentos inadequados de seus alunos.

O papel da Psicologia na formação do professor é de contribuição.

O papel da Psicologia na formação do professor é o de melhorar o relacionamento e a compreensão dos alunos nas suas individualidades e fases.

O papel da Psicologia na formação do professor é o de relacionar teoria com a prática.

O papel da Psicologia na formação do professor é importante ao atuar na educação e saúde mental dos alunos.

O papel da Psicologia na formação do professor é o de ajudar a compreender os alunos.

O papel da Psicologia na formação do professor é facilitar o desempenho e o convívio com os alunos.

O papel da Psicologia na formação do professor é o de técnica de ensino para os competentes.

O papel da Psicologia na formação do professor é ver o aluno como pessoa, compreendendo, ajudando e resolvendo seus problemas.

O papel da Psicologia na formação do professor é importante no contato e compreensão dos alunos.

APÊNDICE I

FATORES QUE DETERMINAM A PERCEPÇÃO DE
O QUE É EDUCAR E O QUE É ENSINAR

- 1982 -

Educar é modificar algo nas pessoas, e ensinar é transmitir.

Educar é ensinar, é transmitir, e ensinar é transmitir.

Educar é instruir para a vida em sociedade, e ensinar é transmitir conhecimentos.

Educar é ajudar a encontrar o caminho, e ensinar é transmitir informações e conhecimentos.

Educar é preparar o comportamento adequadamente para a vida em sociedade, e ensinar é transmitir conhecimentos específicos.

Educar é fazer pessoas aprenderem a lidar com o ambiente de maneira satisfatória, e ensinar ... (não respondeu).

Educar é orientar para a melhor maneira de se relacionar, é formar alguém, e ensinar ... (não respondeu)

- 1983 -

Educar é orientar para uma vida melhor, e ensi
nar ... (não respondeu).

Educar é desenvolver potencialidades do aluno, e
ensinar é levar o aluno a aprender.

Educar é transmitir segurança, amor e compreensão,
e ensinar é transmitir conhecimentos.

Educar exige um certo treinamento adquirido, e en
sinar é orientar e desenvolver habilidades adquiridas.

Educar é transmitir novos modos de comportamento,
de acordo com a cultura, e ensinar é transmitir conhecimen
tos específicos.

... (não respondeu).

Educar é formar hábitos, ajudar os outros a se sen
tirem felizes, e ensinar é transmitir conhecimentos.

Educar é preparar para a vida, é mostrar que pode
e deve caminhar pelas próprias pernas, e ensinar é mostrar o
caminho em qualquer disciplina.

Educar é dar condições para formar a personalidade
e ensinar é transmitir.

Educar é formar, orientar, e ensinar é transmitir.

Unidade	Bo
Proc	
Assinatura	
Feito	D. O. O. O. O.
Data	24/3/85